

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Olavo Bilac
Crônicas e Novelas



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Olavo Bilac

Crônicas e Novelas

Revisão gráfica e atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1893/94.

**Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac
(1865 - 1918)**

"Projeto Livro Livre"

Livro 528



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Olavo Bilac: “*Crônicas e Novelas*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

CRÔNICAS

LIMINAR.....	1
MARÍLIA.....	5
PADRE FARIA.....	14
S. JOÃO DO OURO FINO.....	18
ENTRE RUÍNAS.....	20
LÁZAROS.....	24
S. JOSÉ D'EL-REI.....	30
FR. JOÃO JOSÉ.....	34
TRIUNFO EUCARÍSTICO.....	39
	--

NOVELAS

NO TIETÊ - PÁGINA DO DIÁRIO ÍNTIMO DE JACQUES.....	49
NO HOSPITAL.....	53
A CANABINA.....	57
O SONHO.....	61
O CRIME - CARTA DE JACQUES, ACHADA ENTRE PAPÉIS VELHOS.....	64

CRÔNICAS

LIMINAR

Durante um estado de sítio,— devia ser o título deste volume de crônicas ligeiras e novelas fúteis. De fato, durante um estado de sítio foi ele escrito, dia a dia quase, de cidade em cidade de Minas, ao acaso, ao sabor das impressões de momento, — enquanto, no Rio, a Casa de Correção se enchia, e a polícia secreta reinava, senhora absoluta.

Em Outubro de 1893, a esquadra revoltada sitiava o porto do Rio de Janeiro.

Comandava-a em chefe o almirante Custódio de Melo.

Haveria razão para que o autor deste livro fosse suspeitado de convivência com o almirante rebelde?

A 10 de Abril de 1892, às 11 da noite, como uma revolta, um motim, ou qualquer coisa semelhante houvesse rebentado no Rio, vi-me preso, interrogado por quatro horas a fio na secretaria de polícia, remetido primeiro para o quartel dos Barbonos, depois para o Arsenal de Guerra, depois para bordo do Aquidabán, e, finalmente, para a fortaleza da Laje, de entre cujas muralhas fiquei a ver navios durante quatro meses.

Ao cabo desses quatro meses penitencia rios, soltaram-me. Porque me soltaram? por que me prenderam? Essas duas interrogações ainda hoje se me recurvam sobre a alma, sem resposta.

Sem resposta satisfatória, entenda-se. Porque, enfim, nunca eu me metera em conluíus de conspiradores, nem em qualquer maquinação política. Mas havia para o caso uma explicação: é que, achando graça no almirante Custódio,— então em pleno fastígio, em plena apoteose, adorado como um fetiche fardado,— me permitira eu a liberdade de parodiar, em louvor seu, a cançoneta *en revenant de la revue*, com que se celebrizara em França o nome de Boulanger. Paguei esse crime com uma vilegiatura forçada de quatro meses, em alto mar.

Os tempos correram.

Deixando o poder, pusera-se o almirante em campo contra o governo. Aqueles que, meses antes, o adoravam incondicionalmente, agora incondicionalmente o insultavam.

E eis-me de repente apontado de novo como conspirador. E os cachorros policiais, de novo, desataram a latir em torno de mim. “Cria fama e deita-te a dormir”, diz um prolóquio. Criei fama de conspirador, mas não me deitei a dormir: comecei a ser indigitado como um carbonário, um ente perigoso e fatal.

Que fazer? Havia estado de sítio.

Inimigos velhos, cujo ódio incubado anseia por uma válvula, aproveitam a suspensão de garantias para dar pasto abundante e fácil à sua vingança. E daí as denúncias, as intrigas, as calúnias. E daí a prisão, o vexame, a tortura.

Onde o meio de defesa? Como falar, se as paixões da multidão estão bradando ensurdecedoramente, abafando a voz de quem se quer defender? Depois, para que alguém se faça ouvir num momento desses, é preciso que tenha a fé política, a confiança, a convicção, a febre dos ambiciosos. Nada mais fácil, quando quem se quer fazer ouvir é um político, habituado às tricas da profissão, e alentado pela esperança da recompensa.— um diploma de deputado, uma pasta de ministro, uma credencial de plenipotenciário... Mas quando o acusado, o caluniado, o intrigado é um pobre escritor que só pede uma cotisa — que o deixem escrever em paz,— o caso é outro: é melhor calar e deixar que a acusação se desfaça por si. Porque Champfleury teve razão, quando, entre vários conselhos endereçados a um escritor moço, incluiu este: *Ecris! tais-toi! tu n'es pas orateur!*

Foi o que fiz. Calei, escrevi... e viajei.

Oh! viajar! sair de perto daquilo que nos espreme a vesícula biliar ou nos estrangula o coração! e, longe do presente que nos angústia, viver do passado, mais belo, errando entre ruínas que dormem há séculos, ou, de papo para o ar, na relva cheirosa dos matos, seguir a dança das nuvens, quando o vento as destranca e espalha como uma cabeleira de neve!

Escrito em Minas, possa este livro dar a quem o ler a impressão da calma, do repouso, da felicidade que me deu a mim o escrevê-lo!

Vir a Minas é vir ao coração do Brasil. Porque, nesta terra, perdura, religiosamente conservada, a recordação dos primeiros Brasileiros.

Por S. Paulo, pelos outros Kstadis do sul, pelos Estados do norte, a corrente estrangeira alaga a terra, desnacionalizando o povo.

As ruas das cidades, alargadas, cheias de construções modernas, ao gosto italiano, ao gosto alemão, ao gosto francês, rolam uma população heterogênea, em cujo sussurro de mar agitado se reconhecem todas as línguas, como no vozear afanoso dos operários de Babel. O progresso, que rasga montanhas e galga abismos, não cuida dos vestígios de gerações mortas que a sua passagem apaga.

No Rio, já é raríssimo o canto da cidade em que uma construção colonial se anteponha aos olhos, reavivando a recordação das primeiras épocas da nossa história.

Posto assim num meio que nada lembra, entre homens cujos costumes e cuja voz apenas falam de países estranhos e apartados, entre cousas que dizem apenas do presente,— o espírito vai perdendo a consciência da nacionalidade, o coração se vai desapegando das reminiscências do passado. Eu, pelo menos, só me sinto verdadeiramente Brasileiro, quando deixo perdida ao longe a vozeria da rua do Ouvidor, e, abrindo o peito ao ar livre do sertão, caio na vida simples dos campos, com a alma a espreguiçar-se voluptuosamente no seio verde e fecundo da natureza.

Quando, passada Entre-Rios, as montanhas mineiras, cavalgando-se, atropelando-se, começam a aparecer,— a alma se alarga na contemplação da serra, e como que um sangue novo, profundamente Brasileiro, nos enche as veias.

Deus, em Minas, trabalhou a criação como Miguel Ângelo deve ter trabalhado as suas estátuas: a golpes loucos, a camarteladas violentas, talhando monstros cuja visão pesa na retina e esmaga o espírito.

Aqui a natureza abafa o homem, subjuga-o prostra-o vencido, ajoelhado, lívido de pasmo e de admiração aos seus pés.

Diante de certas paisagens, extático e mudo, sinto um punho de ferro constringir-me a garganta: aquilo entra-me pelos olhos, embebedando-me, chamando-me o sangue às têmporas, num rebate de febre, escurecendo-me o cérebro num nevoeiro...

Depois, passado o assombro, uma comoção inefável me domina. Descubro em mim ternuras que não suspeitava; uma piedade nova que me faz chorar a sorte de uma folha morta ou de um inseto ferido; um amor de tudo que confunde a minha vida com a vida de todas as cousas, que me eleva e me abate, que me faz igual ao pássaro que voa e à lagarta que rasteja, à pedra que dorme à beira da água e à água que canta entre as pedras, à nuvem que o sol estria de ouro e ao

sapo desprezível que se esconde na lagoa; um desejo, enfim, de, aterrado pela minha pequenez, desaparecer dissolvido, absorvido, assimilado pela terra que me chama...

Entre as serras que se despenham à vista, como um bando de ciclopes em fuga, voa o trem vertiginosamente. A quando e quando, cava-se um vale: águas, que espumam torvelinhando, correm pelo veludo verde das encostas, arrufadas ao sol, e alargam-se embaixo, lambendo as rochas, franjando-as, abrindo-se em lagos, precipitando-se adiante por novos declives. Ao fundo, pascem rebanhos; e de longe, microscópicos, os bois aparecem, movendo-se quase imperceptivelmente...

E tudo verde; às vezes uma montanha surge, abre uma boca negra, engole a locomotiva que estardalhaça na treva; e, de repente, varado o túnel, sem transição, o mesmo verde violento, o mesmo verde entontecedor irradia, doendo nos olhos, apunhalando-os, alucinando-os. Ao galope do trem, acaba-se enfim por cerrar as pálpebras. Mas parece que, através das pálpebras, o verde da serra continua a ferir a retina cansada. Um adormecimento leve, um cansaço nos afrouxa os músculos; e, numa sorte de sonho vago, como na embriaguez do *hachschisch*, a verdura deslumbrante continua a passar, quase negra aqui, verde-mar adiante, verde quase branca mais além.

E a alma tão longe das paixões políticas!

E o coração tão desafogado de ódios, de despeitos, de rancores!...

Neste meio calmo é que foi escrito o volume das *Crônicas e Novelas*. Livro de um jornalista, — não lhe peçam grande copia de idéias nem grande esplendor de forma. Leiam-no com a despreocupação de quem lê artigos num jornal, — e ter-lhe-ão feito justiça.

MARÍLIA

Em Ouro Preto.

A caminho da Vila Rica de outras eras, que é hoje um montão de ruínas, parei nas lajes, em um sítio que demora a cavaleiro do antigo bairro de Antônio Dias, e de onde a vista, depois de abranger todo um imenso anfiteatro de montanhas verdes, queda, repousada e amorosa, no vale risonho que a gente do bandeirante de Taubaté povoou há dois séculos. Sobre uma pedra, quanto tempo fiquei a vê-las, — as colinas amadas das musas, por onde, como um rebanho, pasceram os versos apaixonados de Dirceu, ao doce clarão dos olhos da sua Marília!...

Era por uma tarde enevoadas e frias.

Um vento cortante assobiava; rodavam nuvens escuras no ar. E uma tristeza cobria tudo.

Por detrás de mim, a escarpa do morro subia, aspérrima, pontuada de pedrouços ferrugentos. Em cima, esse monte é um como sepulcro do passado, o Campo Santo de uma geração de aventureiros ousados: cobrem-no muralhas derrocadas, restos de casas nobres, alicerces sobre os quais duas juntas de bois podem passar à vontade; e, já do ponto em que eu estava, alcançavam meus olhos, no alto, na lombada da serra, massas informes de ruínas. E, abrindo-se aos flancos da montanha, como feridas profundas, buracos enormes apareciam, assinalando os lugares em que a picareta e a pólvora dos exploradores sondaram as entranhas da terra, em busca de ouro.

À minha frente, uma paisagem rude se desenrolava, erriçada de colinas, atonetada de rochas, fechada ao fundo pelo Itacolomy cujo pico se encarapuçava de névoas. À direita, os dois maiores edifícios de Ouro Preto levantavam a sua construção formidável. A cadeia, mole colossal de cantaria, construída para servir de sede antigamente ao poder municipal, abria, misteriosas e estreitas, para o grande ar da liberdade e da vida, as suas janelas de pedra, enquadrando o xadrez forte das barras de ferro. E acima dela, no ar cinzento, dormia o sino de bronze, o antigo *beffroi* severo da cidade, cuja voz soberana de via dar o alarma às gentes timoratas, em caso de perigo, ou a essas mesmas gentes rebeldes anunciar a cólera de El-Rei e do Capitão General, por ocasião dos motins e das sublevações. Enfrentando com a cadeia, erguiam-se os torreões e ameias do palácio do Governo, sorte de fortim que domina a praça, e a que só faltam, para que o edifício tenha completa a sua aparência de cidadela, bocas sinistras de canhões furando as casamatas:— o povo de outros tempos não era, em Ouro Preto, sossegado como o de hoje; era irrequieto, buliçoso,

apoquentando com a agitação dos distúrbios frequentes a tirania dos seus dominadores, e o governo precisava de estar em casa, como numa praça de guerra, abroquelado contra todas as eventualidades más, e alerta ao primeiro rebate da revolta.

À esquerda, o Alto da Cruz. No píncaro, a grande cruz protetora da cidade abria sobre ela os braços negros, como a abençoá-la; e em torno daquele cume isolado qualquer coisa invisível pairava, um como recolhimento da natureza; a mesma névoa do céu naquele ponto se adelgava, franjando-se, rasgando no seu manto pardo uma nesga azul em que se emoldurava o símbolo solitário.

E, por toda a parte, de um e de outro lado, umas mais perto do céu, dominando o bairro todo, outras encastoadas humildemente no côncavo fundo do vale, as igrejas alvejavam.

Era, primeiro, Santa Ifigênia; em seu adro, antigamente, os negros, cujo trabalho se capitava nas minas de El-Rei à razão de quatro oitavas e três oitavas de ouro por cabeça, vinham dançar, ao som confuso dos caxambus e dos chique-chiques, a *congada* selvagem. Era, depois, Mercês de Antônio Dias; depois, S. Francisco, de largas tribunas rasgadas para fora, e fachada em que esplendem as esculturas do *Aleijadinho* em pedra sabão; depois, a Matriz de Antônio Dias, o Carmo, e, já meio encobertas, deixando apenas ver as torres altíssimas, S. José e Mercês de Ouro Preto.

Dos meus pés, numa descida abrupta, precipitava-se a escarpa, cheia de blocos de montanhas destacados de cima, até achar ao fundo as primeiras casas do bairro secular.

No último plano, mais escondida, mais humilde do que todas as igrejas, uma capelinha inacabada aparecia ao fundo de um cemitério pequenino: Nossa Senhora das dores. São as economias dos presos que vão pouco a pouco, com dificuldade e fé, custear, do a construção daquele cemitério, em que, isolados na morte como durante a vida, os corpos dos sentenciados repousam no seio misericordioso da terra, que, para acolhê-los carinhosamente, não se lembra de que os seus crimes a tenham um dia manchado.

Por fim, as ruas de Antônio Dias, tortuosas, estreitas, rasgadas e edificadas ao acaso, à proporção que as correntes colonizadoras afluíam à povoação fundada pelo chefe da bandeira paulista. Vistas de cima, algumas casas que se sustentam a custo, pequenas, com o arcabouço roído aparecendo no desmantelamento do barro esburacado,— parecem, descendo juntas e inválidas as ladeiras, uma procissão dessas velhinhas trôpegas e trêmulas, que as romarias atraem aos adros, em dias de festa, dando-se amparo mútuo, na solidariedade do infortúnio e do medo das quedas...

E foi quando toda a minh'alma estava cheia das lembranças de outro tempo, diante daqueles despojos de que um cheiro de sepultura saía,— que vi pela primeira vez a casa em que morou a Marília de Dirceu, e em cujas janelas o seu vulto, na brancura ofuscante das madrugadas nevoentas ou ao esplendor sanguíneo dos ocasos de fogo, costumava mostrar-se de longe aos olhos apaixonados do Ouvidor-poeta, a quem a paixão obrigava a trocar a toga solene de juiz pela túnica de pano grosso de um pastor da Arcádia.

Casa nobre, que emerge de entre as vizinhas quase como um palácio, hoje toda azul, olhando para o bairro de Ouro Preto por oito janelas,— foi nela que D. Dorotéia de Seixas apareceu pela primeira vez ao poeta, e nela que a Musa, enquanto o seu cantor no degredo bárbaro enlouquecia e morria, viveu, monotonamente, até os oitenta e quatro anos.

Ainda quando o inconfidente encarcerado alimentava a esperança de que a tirania o restituísse à liberdade, naquela casa tranquila, hoje toda azul, de oito janelas rasgadas para o bairro de Ouro Preto, é que devem ter chegado aos olhos lacrimosos de Marília os versos em que o poeta cristalizava os seus desejos e a sua confiança illusória nas justiças de Maria a Louca. As mesmas colinas que ouviram as églogas do pastor da Arcádia Mineira repetidas pela voz da sua Musa, de vem ter ouvido por essa mesma voz repetidas as rimas doloridas, de anseio e de amor, com que Dirceu arquitetava no sonho um futuro que não veio:

*Ai minha bela! se a fortuna volta,
Se o bem que já perdi, alcanço e provo,
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo:
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar a Deus no céu e a ti na terra...
Nas noites de verão nos sentaremos,
Com os filhos, se os tivermos, à fogueira;
Entre as falsas histórias que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira...
Pasmados te ouvirão: e eu, entretanto,
Ainda os olhos banharei de pranto...*

Em um de seus livros, Lopes de Mendonça, falando incidentemente de Gonzaga, revolta-se contra a apatia em que D. Maria Joaquina Dorotéia de Seixas se deixou envelhecer burguesmente até a caducidade, na sua casa de Vila Rica.

A alma de Lopes de Mendonça, tomada de horror diante desse envelhecimento pacato, se rebela contra o espetáculo da decrepitude da musa, de face

engelhada, boceta de rapé em punho, babando-se toda de gosto ao rever-se nos netos, batendo chinelas pela casa triste, e arrastando através dessa vida sem poesias os seus achaques, as suas saudades e o seu tédio.

Na tragédia de Shakespeare, Hamlet, fora de si, pergunta a Laertes, que se desgrenha em contorções trágicas e lamentações retóricas à beira da sepultura da formosa Ofélia: “Que mais queres tu fazer, hipócrita, para ostentar o teu desespero? queres arrojarte do alto do Ossa? queres engolir um crocodilo?”

Naturalmente, o autor das *Recordações da Itália* não desgostaria de ver a Marília, desesperada pelo apartamento do seu cantor, cometer um desses atos de prodigiosa super-excitação. Queria o escritor português que D. Dorotéia de Seixas se precipitasse, como um Safo, na cascata do Tombadouro? que tragasse alucinadamente um *caititu* vivo? que, com o volume das *Liras* na mão, se despenhasse do píncaro do Itacolomy?

A mim, confesso, deixam-me sem entusiasmo todas essas possíveis soluções estardalhaçantes para aquele idílio. Mais que o espetáculo de um fim trágico qualquer,— o suicídio da musa ou a sua morte fulminantemente causada pela dor da despedida — encanta-me esse modo, humano e singelo, por que Marília se deixou morrer na sua casa engastada no fundo do vale, vendo, pelas colinas que a cercavam, a descida dos rebanhos brancos que a sanfonina pastoril do seu Gonzaga celebrara.

Um certo mistério cerca ainda hoje a história desses amores. O que parece provado é que eles não foram uma dessas paixões que alucinam quando se não satisfazem, e em que a alma entra de parceria com a carne, ambas ansiosas, ambas exigentes, ambas humanamente excitadas.

Mesmo nos mais apaixonados versos de Gonzaga, não palpita essa febre, essa anciã de gozo e de posse, nem aparece uma nota qual quer capaz de provar que uma aproximação de sexos tenha naturalmente consagrado o idílio encantador a que a nossa poesia deve tanta página deliciosa.

Para o poeta, que, depois de ouvidas as partes cujos interesses pendiam do seu juízo, se debruçava à janela devaneando diante da natureza, — Marília era apenas, talvez, a figura encarregada de dar a nota humana à paisagem arrebatadora. Quando se lêem os versos de Gonzaga, nota-se que o que quase exclusiva mente os inspira é a beleza do campo, a serenidade da vida rústica, a bem-aventurança suprema da existência ao ar livre, mais perto de Deus porque mais perto das cousas e dos costumes simples.

Aqui, é uma ave que o filho aquece entre as asas. Ali, uma vaca que o novinho tenro lambe e afaga. Mais longe, árvores que bracejam sacudindo o orvalho que

as molha. Adiante, escravos que cercam o rio, cavam a terra, colhem ao fundo da bateia o cascalho rico em que o ouro vivo fulgura; capoeiras ainda novas que se queimam, ardendo nas quebradas; terras que se adubam, misturadas com cinzas, à espera dos grãos; caçadas alegres em que a vara envesgada espera o passarinho incauto; pescarias à hora da sesta; e campos cheios de papoulas, a cercas emaranhadas de rosas silvestres, e pedras de onde salta a rama bruta das gameleiras robustas... Tudo isso não seria humano, não cantaria com tanta vida, não se abrasaria em tanta luz, se uma figura de mulher não pairasse sobre o canto, se um pouco de amor não viesse dar um perfume novo de poesia às descrições.

O próprio Gonzaga parece confessar, em verso, que não era junto de Marília que se aplacavam os ardores dos seus quarenta anos bem conservados:

*“Eu sei, Marília,
Que outra pastora
Cega namora
Ao teu pastor;
Há sempre fumo
Aonde há fogo...”*

E, nas *Cartas chilenas*, de Critillo (Alvarenga Peixoto?) lê-se:

*“Aqui, meu bom amigo, aqui se passam
As horas em conversa deleitosa.
Um conta que o ministro em certa noite
Entrara no quintal de certa dama;
Diz outro que se expor uma criança
À porta de Florício, e já lhe assina
O pai e a mãe; aquele aumenta
A bulha que Dirceu com Lauro teve
Por ciúmes cruéis da sua amaria.*

D. Maria Dorotéia perdoava-lhe as infelicidades carnavais, parece, contentando-se com a sua fidelidade espiritual. E nunca a paixão, a verdadeira paixão incendiária e violenta deve ter vindo perturbar a serenidade daquele amor honesto e comedido, nem perturbar a calma das horas inocentemente passadas em contemplações mútuas, olhares longos e sorrisos claros, trocados de janela a janela, por cima das flores que se abriam no vale, por baixo do céu que se cobria de estrelas.

Degredado o poeta, o tempo que apaga tudo, — até mesmo as mágoas de amor, ai! de nós! — fez no coração de Marília o que costuma fazer no coração de todo o mundo. E, à medida que os anos passavam, monótonos e regulares,

as saudades também foram passando e minguando. Dizem que, da prisão, Gonzaga propusera à sua Musa o casamento. Mas, santo Deus! a África ficava tão longe! Moçambique devia ser tão feia! a viagem tão longa, por águas tão ásperas, entre temporais tão rudes! A Musa ficou e o poeta partiu...

Silvio Romero, no capítulo consagrado a Gonzaga na *História da Literatura Brasileira*, escreve: “No processo da Inconfidência, fala-se que o marquês de Barbacena se opunha ao casamento do poeta. Qual a razão?”

A razão parece óbvia. Naquele tempo a investidura de magistrado nobilitava. Como magistrado, Gonzaga era nobre: e os nobres só podiam casar com licença da Corte.

Se o Capitão-General de Minas, velho fidalgo, encarapaçado num orgulho indomável, se opunha à união do Poeta e da Musa, é porque, provavelmente, o sangue de D. Maria Dorotéia não era bastante azul para poder ligar-se ao sangue finíssimo de um magistrado de El-Rei.

Seja como for, é lícito acreditar que não foi essa oposição do marquês a causa principal do malogro do casamento. Quero mesmo crer que só por um nobre sentimento de delicadeza pediu Gonzaga à namorada que o acompanhasse ao desterro, insistindo pelo casamento; julgou ele por certo dever essa homenagem ao bom nome de D. Maria Dorotéia, para a não deixar comprometida, uma vez que a notícia dos seus amores era pública em Vila Rica. A prova disso é que, na África, consolou-se ele facilmente da recusa de Marília.

Antes de enlouquecer— e quem sabe seja não estava louco! — levou à Sé Matriz de Moçambique, à presença do juiz dos casamentos e do escrivão do juízo eclesiástico, uma jovem senhora Juliana de Souza Masquerenhas, filha legítima de Alexandre Roberto e sua mulher D. Ana Maria, de 19 anos de idade e natural da freguesia da Cabaceira-Grande. A esses dezenove anos ardentes, desabrochados sensualmente ao sol africano, entregou ele a sua vida triste, a sua madureza de idade e as suas necessidades amorosas, dando à moça Masquerenhas, à face de Deus e dos homens, a mão e o nome de esposo: é o que consta de documentos publicados há algum tempo pela *Revista do Instituto*.

Segundo esses documentos, o matrimônio foi celebrado a 9 de Maio de 1793. Gonzaga, inquirido pelo juiz dos casamentos, depois de haver jurado aos Santos Evangelhos dizer a verdade, declarou: “que se chamava Tomaz Antônio Gonzaga, filho legítimo do desembargador José Bernardo Gonzaga e sua mulher D. Tomázia Chargue Gonzaga; que era natural da cidade do Porto e batizado na freguesia de S. Pedro do Reino de Portugal; *que tinha de idade 38 anos (?)*; que era solteiro e nunca fora casado; que residira na cidade do Porto, nas de Beja,

Lisboa, Coimbra, Vila Rica e atualmente em Moçambique, passando a existência nas ditas cidades de mais de seis meses; *que nunca dera palavra de casamento a pessoa alguma*, nem fizera voto de castidade ou de religião, nem tinha impedimento algum para contrair o matrimônio que pretendia com D. Juliana de Souza Masquerenhas, a quem conhecia pela ter visto de presente, com quem queria ser casado de sua livre e espontânea vontade, sem constrangimento de pessoa alguma. E mais não disse.

E como a menina Masquerenhas fizesse declaração idêntica e iguais desejos manifestasse, as autoridades, sem mais delongas, a amarraram pelos laços matrimoniais ao cantor de D. Dorotéia.

O que parece provar que, nesse tempo, o poeta já tinha o juízo desequilibrado pelos desgostos do exílio é o fato de haver ele declarado ao juiz de casamentos que tinha de idade 38 anos. Talvez, por um sentimento desculpável de gamenhice, quisesse ele parecer mais moço à noiva de 19 anos. Seja como for, faltou à verdade. Em 1793, ano do casamento, o poeta das LIRAS estava já com meio século de vida sobre a alma, pois que nascera em 1744.

Teria a branca e sentimental D. Dorotéia, em Vila Rica, notícia de que, na terra adusta da África, uma rival, provavelmente mestiça, conseguira saciar de beijos legitimados pela igreja a boca do seu ardentíssimo Dirceu?

Talvez não. E, se a teve, resignou-se; deu-se a amores menos platônicos, teve descendência farta, envelheceu, e, em 1853, fechou os olhos à vida, em um leito antigo que, como curiosidade histórica, no Rio de Janeiro, o conselheiro Viriato Bandeira Duarte conserva religiosamente.

A sua morte deve ter sido calma. Não creio que à beira do leito, na hora extrema, lhe aparecesse, esqualido, curva a cabeça encanecida ao peso da golilha, agitando trágica mente os braços com um tinido sinistro de ferros, — o fantasma de Gonzaga. A alma da Musa devia agora estar livre do peso dessa recordação, como estava o seu corpo agora obeso, agora cheio de erisipelas, agora tristemente afeado pela velhice e pela agonia...

As confissões, as comunhões, os rosários lentamente rezados sobre as lajes da matriz de Antônio Dias, os jejuns, e as outras práticas religiosas, com que a velha e célebre senhora enxotava do espírito idéias profanas, não lhe permitiam tirar o pensamento da face e da essência do Senhor, para o fixar na memória do seu delambido cantor. Aos oitenta anos, as matronas podem dar para Tereza de Jesus; para Marília de Dirceu é que não dão, com certeza.

Já 17 anos antes de morrer, havia D. Maria Dorotéia feito testamento. E esse documento assinado pelo seu punho, é frio, seco, incolor. É o testamento de

uma beata vulgar, olvidada de amores, desapegada de recordações, que não tem tempo para se lembrar de que já inflamou a inspiração de um poeta, porque todo o seu tempo é pouco para pedir a Deus um cantinho do céu e uma fatia do pão-de-ló da bem-aventurança eterna.

Aqui está o testamento, ao qual conservo a ortografia original:

“Bento Antonio Romeiro Veredas, escrivão da provedoria do termo da Capital do Estado de Minas Geraes, etc. Certifico que em meu cartório existe o testamento com que nesta cidade falleceu D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, o qual é do theor seguinte: Eu Dona Maria Dorothéia Joaquina de Seixas achando-me em perfeita saúde e entendimento, ordeno meu testamento na forma seguinte. Em nome da Santíssima Trindade. Amen. Sou filha legítima do Capitão Balthazar João Mayrink e sua mulher Dona Maria Dorotéia de Seixas já falecidos. Instituo por meus testamenteiros e universaes herdeiros a D. Francisca de Paula Manso de Seixas que vive em minha companhia e Anacleto Teixeira de Queiroga que ao presente é rezidente no Rio de Janeiro para que cada um de persí e in solidum pos sam ser meus testamenteiros, bemfeitores, administradores de todos os meus bens, e thé vender fora de prassa para repartirem entre ambos a liquida heransa depois de pagas as dividas que ainda existirem de meu Tio o snr. João Carlos. Dexo em premio ao Testamenteiro que aseitar esta testamentaria sem mil reis e o praso de quatro annos para a conta final. Declaro que dexo huma cédula a minha Testamenteira a qual não será obrigada aapresental-a em juízo e só com seu juramento se lhe levará em conta a despesa que com a mesma fizer. Dexo a eleisão da minha Testamenteira as dispozisoins do meu funeral e só recomendo que o meu corpo será sepultado em cova da Ordem de S. Francisco de Assis, e que por minha alma celebrem quantas missas de corpo presente cober no pocivel de esmolla de mil e duzentos cada uma e também quero que se digão as de S. Gregorio, e por esta forma hei por findo o presente Instrumento por mim feito e asinado na cidade de Oiropreto a dois de Outubro de mil oitocentos e trinta e seis. Maria Dorothéa de Seixas.— Foi aprovado pelo tabelião Antonio de Almeida Vasco em ió de maio de 1840.— Foi apresentado ao Juiz e aberto por ele Dr. Eugenio Celso No gueira em 10 de fevereiro de 1853 (pela morte da testadora). Foi aceito pela primeira Testamenteira em 21 do mesmo mez, perante o tabellião João dos Santos Abreu.”

Ora, às imaginações escaldadas não parecerá com certeza digno do drama este desfecho vulgar. A mim, porém, parece-me o único digno, porque teve a mesma simplicidade e a mesma naturalidade do drama. Este foi simples como a natureza e a vida rústica que lhe formaram o cenário: um poeta, uma mulher, duas janelas que se defrontam, alguns versos lindos, uma conspiração, um apartamento, muitas lágrimas, muitas saudades, e depois... filhos de parte a parte. Mais nada. Não nego que D. Maria Dorotéia tenha dado prova maior do

seu amor acompanhando à África aquele que fez o possível para eternizá-la na memória dos homens. Mas, que querem? as mulheres são assim... Quase sempre para ser amado por elas até a loucura, é necessário, antes de tudo, isto: não as amar.

Mas isso não altera o que fica escrito. O mundo é o mesmo, em Vila Rica como na China: é preciso aceitá-lo sem o discutir. Demais, que temos nós com isso? — Temos os versos de Gonzaga: amemo-los. Temos a recordação de Marília: veneremo-la. Porque,— morta como Safo, tragicamente, ou, naturalmente, como qualquer burguesa — a mulher, cujos olhos inspiraram meia dúzia de versos perfeitos, é digna do carinho e do amor dos poetas que vieram depois, com a mesma aspiração de corporizar em sílabas medidas o doce luar que, em redor do seu infortúnio, espalha a presença da pessoa amada...

PADRE FARIA

Quem, vindo da episcopal Mariana, entra em Ouro Preto, encontra, antes do bairro do taubateno Antônio Dias,— mais velho do que ele e por isso mesmo mais curioso, o bairro do Padre Faria, com a sua igreja simples plantada ao fundo do vale e o seu grande cruzeiro de pedra rendada, de seis braços, à maneira das cruzes papais.

A pouca distância, mostram-se ainda os alicerces da casinha tosca em que o Padre Faria assentou o seu presbitério, mesmo no coração do povoado que a sua gente fundou. Perto, porque já estamos no limite leste da cidade, ouve-se o barulho surdo das águas do Tombadouro. Lá em cima, vê-se a estrada, orlando o sopé dos morros de S. João e S. Sebastião que manchas negras de ruínas cobrem. E de junto da igreja sobe uma rua longa, calçada, toda cheia de destroços de casas.

Sentado ao pé da cruz, comecei a reconstruir em sonho um dia de festa religiosa no bairro do padre Faria, ao tempo em que ainda, saindo do seu presbitério, ele vinha, entre os fiéis ajoelhados, atravessando a larga ponte de pedra que dá acesso para o adro, officiar no templo, a que concorriam nobreza e povo, contratadores e escravos.

Nesse tempo não teria eu podido, miserável plebeu, sentar-me a um dos degraus de pedra do cruzeiro. Os nobres somente, — nessa época em que El-Rei era o filho mais velho de Deus e os fidalgos seus irmãos mais moços, — podiam, sem ofensa à soberania divina, tocar com os fundilhos dos calções de veludo as pedras sagradas e aproximar da base da cruz os bicos finos dos sapatos, em cujas fivelas reluziam grandes crisólitas e turmalinas fulgurantes.

Mas, os tempos mudaram. Um ervaçal rasteiro e mau acolchoou a terra em torno da igreja. Mordidos, aqui e ali, de líquens, que os mancham, os degraus do cruzeiro dormem abandonados.

E, só, debaixo do céu que a queda do sol ensanguenta, posso, deixando a alma fugir para o passado, ver, num sonho, a procissão dos fiéis que chegam. Oh! o belo sonho que me ofuscou os olhos com a faiscação de toda unia opulência extinta para sempre, e me embalou a alma na rede de ouro de uma fé, que morre à míngua de crentes e de poetas!

Na torre baixa, coberta de folhagens e de flores, o sino canta.

Nos morros de em torno, as minas descansam, sem trabalhadores. Às margens dos riachos, nas bacias que as enxurradas cavaram nas rochas, os gorgulhos

repousam. Nem uma bateia se agita. Nem um almocafre trabalha, retinindo de encontro às pedras. Cascalhos ricos de ouro, dormi! ninguém irá hoje interromper o vosso sono sob as cobertas de desmonte e as ferragens inúteis que vos abrigam! Dormi! É dia de festa. O sino canta. Mineiros e garimpeiros correm à igreja. E a terra toda, em silêncio, livre por um dia dos que lhe rasgam as entranhas, jaz num torpor inalterável.

O adro já está cheio. Em grupos, os fidalgos formigam, dando volta ao cruzeiro, que abre gloriosamente os seus seis braços de pedra no esplendor do dia.

Passam cabeleiras trançadas, de rabicho, caindo sobre costas de compridas casacas amarelas, azuis, vermelhas e verdes, ampla mente degoladas, com enormes canhões dobra dos coletes de cetim maçã, bordados a lentejoulas, com abotoaduras fulgurando como estrelas; camisas de folhos sobre cujas rendas se agitam, à maneira de grandes borboletas brancas, as largas gravatas de lenço bordado; chapéus à Frederico, de três pancadas; calções de seda, sobre cujas fivelas de ouro roçam de quando em quando tilintantes bainhas de prata de floretes ricos. E, sobre as lajes, ritmando a cadência do passeio, batem grossos bastões, de castão recamado de gemas preciosas.

De vez em vez, um fidalgo pára, e consultando a hora, faz brilhar ao sol um relógio enorme, pendente de grossa cadeia de cornalina.

Junto à porta da igreja, estão imóveis as damas.

Sobre as cabeças, em tufos graciosos, arredondam-se-lhes as coifas de seda branca, brosladas a fios de ouro; e, de sob as coifas, lhes saem meneadas ao vento as cabeleiras polvilhadas de branco. Camisas de rendas arrufadas como espumas, apertadas ao pescoço, rutilam, duras de goma. E sobre os espartilhos fortes, de barbatanas, fazendo o peito alto, estiram-se os *macaquinhos* de veludo, em que ardem jóias descomunais, corimbos de pedrarias em engastes de prata, toda uma constelação de diamantes. Ao peso das mesmas jóias, arranjadas em forma de brincos, distendem-se os lobos das orelhas. E, trançadas aos braços, cheios de pulseiras pesadas, enrolam-se as caudas longas das saias de roda, de entre cujas dobras emergem as mãos brancas, de dedos finos, que desaparecem debaixo do fulgor dos grandes diamantes do Tijuco.

Postas numa atitude de estátuas, de fisionomia grave, a que a cabeleira empoada dá um ar picante de prematura velhice, as damas inclinam a cabeça, quando um cavalheiro, a passos miúdos e estudados de minuete, ensaia um comprimento cerimonioso, em que toda a galanteria do fidalgo transparece.

Sobre tudo aquilo, sobre aquele torvelim de sedas, de pedrarias, de veludos, um sol vivo se desata em raios alegres, e o sino continua a cantar as suas mesmas

notas ardentes. Contratam-se figuras para as contra-danças variadas, combinam-se passos para os requebros dos minuets; e cada qual sorri à lembrança da animação que vão ter os fandangos aristocráticos, de cadência marcada pelo chocalhar dos chique-chiques de prata.

Mas, em baixo, sem transpor o espaço respeitável que o separa do lugar inviolável em que esplende a nobreza, fica o povo, a vil canalha dos africanos retintos e dos índios, cujos braços cavam a terra para dar aquele ouro aos bastões dos fidalgos e aqueles diamantes às arrecadas das fidalgas; fica a arraia miúda, cujo suor sustenta as prodigalidades da Corte Real, essa mesma arraia miúda que, daí a alguns anos, se há de transformar numa população irrequieta de Brasileiros altivos, levantando motins diários contra a tirania dos impostos, contra o orgulho dos contratadores, contra as tropas de El-Rei, até cercar o trono amedrontado com a alcatéia rugidora dos seus brios longo tempo sofreados.

Mais pausado agora, desfaz-se o sino em uma revoada de notas serenas. É o padre que ali vem, de mãos espalmadas sobre o povo, numa grande benção muda. Em baixo, prostram-se todos: e um rumor abafado de reza sobe da multidão ajoelhada.

Em cima, no adro, levantam-se os chapéus. As damas, numa rápida mesura, cumprimentam Deus que passa, com familiaridade e comedimento, como de igual para igual, sem as grandes expansões de fé e de humildade com que o cumprimenta o povo. Cala-se o sino. A música começa. E as próprias árvores, no ar sossegado, parecem levantar os galhos verdes, numa silenciosa prece...

Todo esse espetáculo me passava em sonho pelos olhos, quando, sentado ao sopé do cruzeiro de Padre Faria, eu vivia a existência dos fiéis de outrora, e reconstruía os costumes perdidos, estudados na leitura daqueles que, como o ilustre Dr. Felício dos Santos, tomaram a si a tarefa de historiar o início da civilização mineira.

Voltando a mim, vi que a noite descia. Algumas estrelas se acendiam no alto, sobre a natureza adormecida, tauxiando o céu quase negro. Desci do adro e voltei para a cidade. Tudo deserto. Nem um caminhante acordava com as suas passadas o bairro secular do Padre colonizador.

Mas, de repente, uma figura humana começou a avançar, em sentido contrário ao meu. Aproximava-se um rumor de passos. E quando cheguei a ver o solitário transeunte, um horror grande me tomou o espírito, tão grande como o que estatelou Gauthier, ao ver, na Grécia, junto do Parthenon, um mas cate, com as suas bugigangas espalhadas ao pé dos mármores divinos. O transeunte era um engraxate que recolhia da cidade!

Um engraxate! E, quando ele, com a sua caixa às costas, desapareceu na escuridão, ainda uma revolta me agitava a alma contra a brutalidade do encontro, vindo quebrar o encanto do meu sonho do passado com o aparecimento dessa prosaica instituição moderna...

S. JOÃO DO OURO FINO

Por um dia quente, de sol vivo, reverberando sobre o verde das montanhas, galgo a encosta abrupta das pedreiras das lajes. Pela estrada Íngreme, tropeçando nas pedras, sobe o cavalo a passo, penosamente. E, de um lado e de outro, nesta parte hoje abandonada da veneranda Vila Rica, amontoam-se ruínas disformes, cavam-se furnas de minas esgotadas, rasgam-se despenhadeiros, abismos talhados a pique nas rochas.

Quanto mais se sobe, mais ruínas aparecem: palácios de entrada larga, portas imensas, cujos pilares trabalhados em um só bloco de pedra furam ainda o céu, isolados, negros, destacando-se do fundo de esmeralda do morro, ou, mais altos, do fundo de turquesa do céu; casas mais pobres, já sem teto, cujas paredes toscas se equilibram ainda; muros esfacelados dispostos em cerca, dentro de cujo âmbito deviam os mineiros cultivar a terra ou deixar ao abrigo da rapina os animais.

Sobre algumas das ruínas, aproveitando os alicerces inabaláveis, gente nova levantou casebres frágeis, de paredes de bambu e barro, de teto de palha trançada: e, por baixo do reboco ligeiro, a pedra ferrugenta da construção primitiva aparece, denunciando a velhice das bases em que assentam as casinhas modernas. E há qualquer coisa que comove nesse espetáculo: o trabalho dos operários mortos há duzentos anos, facilitando e auxiliando a vida dos seus irmãos de hoje, acurvados às mesmas fadigas, à canga da mesma pobreza e da mesma obrigação de ganhar o pão com o suor do rosto e o sangue das mãos...

Quando chego à igreja de S. João, a primeira edificada em Ouro Preto,— o sol irradia sobre a extensão infinita da paisagem, que brando os seus dardos de fogo de encontro às rochas, faiscando sobre a alvura das casas dando um tom de prata nova à água de um rio que se arrasta, em baixo, serpenteando, caprichoso, no sulco de junção de duas encostas.

Estou no adro da mais velha igreja da cidade: pequenina e humilde, era a ela que corriam os primeiros povoadores de Vila Rica, a pedir amparo e mineração feliz ao Deus que escondera no seio da terra o metal que enriquece. E, ao lado da capela, pendente de uma grossa trave de madeira de lei, está ainda o velho sino, cuja voz soturna, pela primeira vez, há duzentos anos, soou no silêncio das serras ínvias, povoando de ecos longos as quebradas adormecidas. Aqui está ele ainda, de voz tão fresca como quando saiu das mãos do seu fundidor,— testemunha bicentenária das lutas, das alegrias, dos trunfos, das amarguras, do tumultuar de todas as paixões que se agitaram na sua presença, desde a época em que, atraídos pela fulguração do ouro das serras, transpondo rios e montes,

matas cerradas e valados profundos, sem relógio, sem bússola, sem conhecimentos de astronomia, lucrando com a fome, com os selvagens, com as feras, guiados apenas pela sua vontade de ferro e pela sua ambição febril, — os primeiros trabalhadores assentaram aqui o seu acampamento, de onde tinha de nascer Ouro Preto.

Quase totalmente arruinada há pouco tempo, a igreja de S. João do Ouro Fino está hoje restaurada. Ladrilhado de novo, pavimentado, pintado por dentro e por fora, o formoso e singelo templo está salvo da destruição; o sino, há tanto tempo calado, vibra de novo, aos domingos, e no altar-mor, nos velhos castiçais de madeira trabalhada a faca, ardem de novo as velas diante do mais belo Cristo que jamais viram meus olhos.

Esse Cristo é uma obra prima, uma preciosidade inestimável, um tesouro,— talvez o tesouro mais valioso existente em todas as igrejas da cidade. É de marfim e mede um palmo de altura. Nada pôde dar idéia da perfeição suprema, da arte inexcedível, da quase sobre-humana delicadeza com que foi talhado esse pequeno pedaço de marfim. Em todo o corpo, um conhecimento profundo de todos os detalhes anatômicos se revela; não falta uma saliência de articulação, uma indicação de músculo, uma corda de tendão ou de veia. E nunca vi, em escultura alguma, a expressão estupenda, maravilhosa, que o artista soube dar à face do crucificado, torcida pela angústia, de fronte lacerada pelos espinhos, lábios repuxados pelo sofrimento, olhos amarguradamente cerrados pela dor...

Circula o sopé do altar-mor um painel dividido em doze quadros, em que estão representados os doze apóstolos.

A pintura desses quadros foi sacrilegamente e desastradamente restaurada há pouco. Os santos aparecem com os lábios violentamente pintados a vermelhão como lábios de *cocotte*, pestanas enormes e grossas como arames, cabelos horríveis, roupagens hediondas. Pacientemente, a pinceladas hábeis de aguarás, Emílio Rouede conseguiu destruir em um dos quadros a camada profanadora das tintas novas e a pintura primitiva apareceu, deliciosa, finíssima, de incomparável precisão de colo rido e irrepreensível correção de desenho.

Também, é tudo quanto há de arte na igreja. Simples o coro, simples toda a decoração, sem afeites, sem arrebiques pretensiosos. Mas basta, no altar-mor, a presença daquele extraordinário Cristo de marfim, para prender dentro da capela, esquecida por horas e horas, a alma enamorada de um artista.

Quando saio, o ocaso arde. Declina a tarde e já, em baixo, os côncavos dos vales se vão enchendo de sombras. Mais negras, com a ausência do sol, parecendo mais próximas, as montanhas se recortam duramente no fundo do céu, como se

fossem de bronze; e uma quietação melancólica, um silêncio doce pesam sobre tudo. Antes de montar a cavalo para descer a escarpa, quero ouvir a voz do sino que chamava à oração os mineiros de há dous séculos; faço vibrar o seu bojo, com uma pancada seca. Um grito claro, estridente irrompe do metal, sobe, canta no ar, derrama-se por toda a natureza, e morre, como um gemido triste, no recolhimento do crepúsculo que desce...

ENTRE RUÍNAS

Sobre os rosais silvestres, abertos em flores, nas faixas de ouro dos últimos raios do sol, dança o vôo leve das abelhas: e apenas o seu sussurro povoa a solidão destes sítios ermos.

As gameleiras— as amigas de todas as ruínas— estão quietas e mudas, sem uma só palpação de folha, com a ramaria dura, irrompendo dos escombros desta rua fantástica e deserta, como uma rua de sonho, cujo calçamento antigo, de grandes lájeas avermelhadas, quase desaparece sob um tapete espesso de mato curto.

Estamos entre as ruínas da rua da Água Doce, em Ouro Preto, artéria principal da vida de há duas centenas de anos, longa avenida, que sobe em declive suave desde o centro do bairro do Padre Faria até perto das Águas Férreas, de onde já se avista a estrada de Mariana.

De todas as ruínas, entre as quais a minha extravagância andou por sete meses de solidão passeando, é esta a mais triste, e, ao mesmo tempo, a mais bela.

Nos outros pontos em que se amontoam destroços de habitações, as massas de pedra aparecem de espaço a espaço, deixando ver que entre as casas havia quintais, pastos, roças, campos incultos. Mis aqui a construção é compacta e cerrada: os alicerces de uma casa encostam-se aos alicerces de outra, as paredes tocam-se, e, em quase uma hora de marcha, segue-se por uma verdadeira rua central de cidade, como a rua do Ouvidor. A diferença é que, desta rua do Ouvidor dos bandeirantes, somente as paredes das casas subsistem.

O mato sobre as calçadas de banda a banda. E se alguma cousa, além do sussurro das abelhas, que voam sobre os rosais silvestres, quebra o silêncio profundo, que pesa sobre estes lugares, é o rumor surdo dos nossos passos abafado pelas ervas que pisamos.

Vamos, dois curiosos, sem falar, de ouvido aberto à voz misteriosa das cousas mortas, que só em sonho se ouve, caminhando de vagar, com um recolhimento piedoso na alma, como se estivéssemos seguindo a alameda de um cemitério.

E, de repente, no mesmo instante, com a mesma idéia que nos preocupa o espírito a romper dos lábios, recitamos juntos o maravilhoso soneto de Raimundo Corrêa, cuja música divina canta chorosamente no ar silencioso, entre as pilastras quebradas e os muros roídos, a que a luz crua da tarde dá um aspecto de decoração de mágica...

*“Aqui outrora retumbaram hinos...
Muito coche real nestas calçadas
e nestas praças, hoje abandonadas,
Rodou, por entre os europeus mais finos.*

*Arcos de flores, fachos purpurinos,
Trons festivos, bandeiras desfraldadas,
Girândolas, clarins, atropeladas
Legiões de povo, bimbalar de sinos...*

*Tudo passou... Mas destas arcarias
Negras e destes torreões medonhos
Alguém se assenta sobre as lajes frias!*

*Espalha os olhos úmidos, tristonhos
Em torno... E chora, como Jeremias,
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos...”*

Um calafrio nos corre a medula. E só então, precisa e definitiva, se nos revela a suprema beleza desses versos: e, involuntária mente, olhamos em torno, esperando ver, sentada a um dos escombros, a figura esquelética do profetado *Lamentações*, de barba intonsa desganhada ao vento, com uma dor, melancólica e terrível ao mesmo tempo, ululando nos lábios que o desespero retorce.

Seguimos. E, de improviso, a uma curva que faz a rua de ruínas, um espetáculo inesperado nos surpreende.

Sobre os alicerces sólidos de uma das habitações seculares, levanta-se uma pobre casa rústica, feita às pressas e às tontas, para aproveitar as pedras da construção antiga. Um perfume vivo, penetrante, cálido erra no ar. E notamos que a entrada do casebre está adornada de palmas verdes que rodeiam as portas, destacando-se frescas do velho fundo da parede mal rebocada.

Aproximamo-nos curiosamente. Entramos. Uma sala pequena, modestamente mobiliada. O chão é de terra, sem soalho. O teto é de esteira trançada. Mas não se vêem as muralhas: porque, de cima abaixo, elas desaparecem sob um manto de folhagens, de galhadas verdes, em cuja trama se desfazem em perfumes os grandes lírios rutilantes,— essas admiráveis flores a que o povo dá o nome de *copos de leite*, enormes, de uma brancura sem jaca, de um aroma que embriaga, sensual e capitoso.

Sobre os móveis, pelo chão, esplendem ramalhetes de *grinaldas de noiva*, pequeninas flores que se recortam à feição das flores de laranjeiras.

É um casamento que se festeja, numa família de trabalhadores pobres. Um encanto indefinível paira sobre a casinha, tão singela, mas tão ricamente enfeitada. E nem todas as pompas, nem todos os assombros de luxo e de riqueza cuja descrição andou há pouco tempo enchendo os jornais por ocasião do casamento da princesa de Inglaterra, em Londres, valem a celebração ingênua desse matrimônio de pobres, entre ruínas, dentro de uma nuvem de flores.

No cenário melancólico desta rua de outra idade, de que até mesmo os últimos destroços já vão caindo, desfeitos no pó em que tudo acaba, essa cerimônia da reunião de duas vidas que se vão prolongar em outras, tem qual quer cousa de altamente dramático, que em polga a alma aborrecida do mundo, extasiando-a, mergulhando-a na fonte reconstituente e rejuvenescedora do consolo e da crença.

E, ao sair da casa, já os nossos olhos vêem com menos tristeza as ruínas.

Já das paredes desconjuntadas sobem eles para o céu que arde, para as árvores que se levantam, para a natureza forte que não morre, que se agita e canta perpetuamente, com a mesma mocidade, e que, há duzentos anos, — quando uma turba multa de caminhantes rolava por esta rua, quando pelas, janelas destas paredes hoje caídas saía o vozear dos homens, das mulheres, das crianças, quando o trabalho e a ambição enchiam de vida e de barulho este centro da Vila Rica primitiva,— tinha o mesmo riso moço e inalterável que tem hoje, depois de ter visto desaparecerem os caminhantes, ruírem as paredes, envelhecerem as crianças, e caber todo o infinito da cobiça de uma geração no espaço de sete palmos de cova,— espaço pequeno demais para a enormidade do nosso orgulho, mas grande demais ainda para a insignificância do nosso valor...

LÁZAROS

E todas as enfermidades, de todas as podridões que abatem e roem esta miserável máquina do corpo humano, nenhuma excita em mais alto grau a minha piedade do que a morféia.

Só!... Nomeio da agitação da vida, só entre os que amam, só entre os que riem, só entre os que choram, só entre todos,— insulado pela sua hedionda moléstia, o lázaro vive mais abandonado em plena comunhão social do que se estivesse no ermo absoluto do mais inexplorado areai africano. A repugnância de todos forma em torno do seu corpo maldito um como cordão sanitário inviolável. Não poder dar um passo sem propagar em torno o mesmo sentimento de nojo, o mesmo involuntário arrepio geral, o mesmo movimento de recuo! e caminhar pela vida como uma lesma, deixando no chão um rasto viscoso de lodo, — ignóbil massa de cousas ascosas, decomposição ambulante, morto vivo que passa...

Há quatro anos, convivi por espaço de quinze dias com um lázaro, na comunhão de bordo, fechado com ele dentro de um navio, em mar alto. Ainda hoje, quando reavivo a recordação desses quinze dias, uma angústia sem nome me esmaga o coração.

Vejo-o ainda... Alto, magro, sempre bem vestido. Sob a deformação das linhas da face, engrossadas pela moléstia, percebia-se-lhe certa distinção. E o que havia de mais triste para mim, na piedade que ele me inspirava, era ver que a deformidade não tornava só repulsiva a sua fisionomia. Tornava-a cômica, de um cômico macabro, diabólico, horrível. Era a fisionomia de um ébrio triste, de um bêbedo melancólico.

Alargava-se-lhe o nariz, cujos rebordos inchados e úmidos se reviravam extravagante mente. As maçãs do rosto tingiam-se de um vermelho sujo. Os beijos, medonhamente grossos, uniam-se mal, movendo-se a custo, quase paralisados, entreabertos sempre, como os de um cadáver, num *rictus* perpétuo: dentes brancos e perfeitos, fulgurando, entre essas duas postas de carne túrgida, aumentavam ainda a sinistra expressão dessa máscara. Quase nada de sobancelhas e de pestanas, já. Os olhos pareciam assim maiores, sempre molhados, sempre tristes. E era uma verdadeira máscara de carnaval, meio rindo, meio chorando, numa mistura indefinível de sarcasmo e de dor.

O lázaro, com a consciência do asco que inspirava, andava mal, acanhado, tropeçando, não sabendo o que fazer das mãos, que, quase sempre, lhe pendiam inertes ao longo dos quadris,— mãos enormes, de dedos

intumescidos, nós violáceos de articulações perras, unhas que começavam a desapegar-se da carne.

No primeiro dia de viagem, não aparecera. Havia a bordo uma centena de passageiros de primeira classe,— gente de toda a espécie, mocinhas trêfegas cujas risadas enchiam a vastidão do mar largo, *toilettes* claras esplendendo ao sol; americanos ricos, em roupas de flanela branca, faixas largas de seda rubra à cinta, gorros extravagantes à cabeça, grossos brilhantes ao dedo, e um grande ar de *rastaquaouerismo* em toda a pessoa majestática e presumida; matronas, que começavam já a enjoar, sentadas à tolda em largas cadeiras de vime e lona; mulheres de vida airada que regressavam à Europa, a gozar do dinheiro que lhes rendera, no Rio ou em Buenos Aires, a venda do corpo, ou, em viagem de comércio a contratar nos mercados europeus noviças inexperientes para as suas casas de pensão; militares que deixavam, por *chic*, de usar a farda, mas que davam sempre a impressão de quem vive a arrastar esporas e espadas; caixeiros viajantes, cujas graçolas pesadas animavam todo o navio; uma população heterogênea, misturada ao acaso, travando em um só momento relações que pareciam logo, pela intimidade, datar de anos, homens de toda a classe e mulheres de toda a categoria, agitando-se, rindo, preparando-se para, do melhor modo, ver correr os quinze dias longos da viagem encetada,— longe de terra e da possibilidade de socorro e ajuda, com a necessidade absoluta de considerar amigos inseparáveis pessoas que nunca tinham visto, e nunca mais veriam talvez ao cabo dessa quinzena de convivência forçada.

Ao segundo dia, quando todos os viajantes já se conheciam, quando o acanhamento das primeiras horas já se havia dissipado,— foi que o lázaro apareceu, na tolda, às duas da tarde, à hora em que os beliches ficam desertos, em que o calor convida à sonolência deliciosa nas *chaises-longues* de lona, comum livro que se não lê às mãos, e o olhar perdido ao longe, no infinito azul do mar e do céu,— ou à palestra viva, em grupos espaçados, com a *flirtation* acompanhada de jogos de prendas, de maledicências inofensivas, de anedotas picantes, de controvérsias fúteis.

Subiu a escada e caiu em plena tolda, de repente. Parou um pouco. Fez um cumprimento às pessoas que achou mais próximas, à entrada. Uma comoção sacudiu todos os grupos. Um medo pânico, cobarde e cruel, torceu todas as faces. E todas as cadeiras se afastaram num momento. Foi como se a própria morte houvesse aparecido...

Ele, compreendendo, hesitou. Esteve um momento a pensar se desceria ou continuaria o passeio, dando volta ao navio. Por fim, decidiu-se a prosseguir. E, de cabeça baixa, humilhado, olhando o chão, adiantou-se no meio de um silêncio de morte. Quando passou por mim, vi-lhe os olhos mais úmidos que de costume, a face mais triste, na sua dolorosa hediondez de máscara ridícula.

Quando o pobre desapareceu, descendo a escada oposta, os comentários correram, indignados, a tolda.

Levantavam-se protestos contra a Companhia, que permitia a entrada *daquilo* nos navios. A quando e quando, uma senhora intervinha, comovida, em favor do desgraçado, lastimando-o. Mas, a sua piedade era talvez mais cruel que o rancor dos homens,— tal era a expressão de nojo com que a face acompanhava as frases de dó.

Desse dia em diante, começou o verdadeiro exílio do pobre homem, a bordo. Tornou-se absoluta a sua solidão. Exílio negro e tremendo, numa aglomeração de mais de cem pessoas... Naquele navio, a cuja sorte estavam tantas vidas confiadas, e dentro de cujo perímetro a sensação do perigo, o medo do naufrágio, o instinto de conservação uniam todas as almas, todos os interesses, todos os defeitos e todas as virtudes num mesmo laço apertado de solidariedade completa, — o lázaro sentiu crescer a animosidade de todos, pouco a pouco, até se transformar em ódio franco, em franca hostilidade agressiva, expandindo-se à larga, em gestos evidentes de asco, em frases claras de maldição.

Passou a comer em baixo, no beliche, por cuja porta ninguém passava sem precauções extraordinárias, evitando o contato da aldraba que as suas mãos contaminavam.

E ninguém pronunciava o seu nome: também ninguém o sabia. Dizia-se: *aquilo*, aquela cousa, aquela chaga, aquela podridão... O lázaro não saía mais do camarote. E, livre da sua presença, a indignação geral se foi abrandando. Afinal, seis ou sete dias passados, já ninguém pensava nele. Foi como se tivesse aparecido a bordo um doente, que, morto e atirado ao mar, não houvesse deixado o mínimo vestígio da sua aborrecida de mora no meio daquela gente que se divertia, que corria à Europa a ganhar dinheiro ou a gastá-lo, com a alma livre de cuidados e o corpo livre de doenças, tonificado pelo ar puro do mar largo, robustecido pela alimentação farta, repousado pela ausência completa de preocupações e de paixões.

Hoje um concerto, amanhã um baile, de pois de amanhã uma quermesse; e os dias cor riam. E só eu, às vezes, pensava no mísero exilado que se via só, no meio do mar, entre as quatro paredes de um beliche negro, cheirando a graxa e azeite, roendo consigo mesmo o seu tédio, a sua melancolia, o seu abandono, o seu desespero...

Uma noite, o lázaro reapareceu. Foi a última vez que o vi.

O navio saíra de Dakar. Ali uma tempestade fortíssima rebentou. Ao anoitecer, era impossível estar na tolda: o vento soprava ríspido, impetuoso, arrastando tudo consigo. Trovões estalavam, com um eco infinito. E tudo negro. Adivinhava-se, pelo ouvido apenas, que o mar estava ali, temeroso e agitado. Ao relampaguear, avistavam-se montanhas altíssimas de água, que desabavam com fragor, retorcendo espumaradas bravias. Todas as senhoras se haviam recolhido aos camarotes. Dos homens, meteramo-nos uns vinte na sala de jogo e, entre o fumo dos charutos e o aroma do *punch*, organizáramos uma roda de *lansquenets*.

O jogo animou-se. Já ninguém prestava atenção ao barulho da tormenta lá fora.

No entanto, todo o navio tremia, sacudido, vibrando a cada choque de onda irritada.

As vidraças do *fumoir*, abaixadas, tiniam de minuto a minuto. E sucediam-se os trovões, os relâmpagos. Era preciso que o mar estivesse pavorosamente agitado, para que aquele colossal transatlântico, em que estávamos, desse os saltos que dava, obrigando-nos a segurar os luízes de ouro das paradas e as cartas que dançavam sobre o pano verde da mesa.

Repentinamente, não sei porque, entre duas sortes felizes, lembrei-me do lázaro.

E, levantando os olhos, não pude conter um movimento brusco, de sobressalto, vendo-o à porta da saleta de jogo, olhando para nós com uma fixidez ansiosa de olhar, que nunca mais esquecerei...

Li nesse olhar indefinível tamanho desespero, tão sobre-humana angústia, tão aterradora amargura, que fiquei a olhá-lo, carinhosamente, com um sorriso à boca, — sem falar, para não chamar a atenção dos outros. Todos, entregues à comoção do jogo, estavam incapazes de reparar em cousa nenhuma. Fiquei imóvel, sorrindo para o pobre condenado. E a fisionomia dele me dizia tudo: o terror de se ver sozinho, naquela noite de espanto e de mistério, o cansaço da alma fraca demais para suportar o peso formidável da solidão, e um agradecimento claro à minha piedade, ao meu dó, à minha carícia de irmão, — toda a sua vida aos meus pés, para me pagar o consolo do sorriso que eu lhe concedera...

Chegara a minha vez de dar cartas. Abaixei os olhos para a mesa. Sentia-me feliz, — sabendo-o perto e consolado. — Não nos falava, mas ouvia-nos, via-nos, estava junto de homens, e não era repellido... E esse momento só de convivência — por incompleta e enganadora que ela fosse, — apagava-lhe todos os vestígios da incompreendida agonia dos dias passados.

Quando levantei de novo o olhar, vi que ele se aproximara de uma mesa de jogo vazia, do lado oposto ao nosso.

E, distraidamente, certo sem pensar no que fazia, pôs-se a revolver nas mãos inchadas e vermelhas um baralho de cartas. Mas, justamente nesse instante, um dos parceiros o avistou. Com o grito de contrariedade que deu, voltaram-se todos.— Oh! pegarem cartas de que todos usavam!...

Um murmúrio de indignação cresceu entre os jogadores, subiu, mudou-se em uma saraivada de doestos, de exclamações injuriosas.

Recolheram-se as paradas. As moedas de ouro tiniram, embolsadas à pressa.

Ele, por um momento, parou. Fugiu depois, correndo, para o beliche... De longe, vi-lhe ainda por algum tempo as costas, sacudidas por soluços.

Desde esse dia, o *lansquenet* só se fez a bordo com baralhos novos em folha. Mas, também, desde esse dia, o lázaro não saiu do camarote.

Procurei vê-lo várias vezes, em vão. Insisti. Bati-lhe à porta. A porta só se abria para o criado que lhe levava a comida. E cheguei a Lisboa, sem que uma palavra do meu amor e da minha piedade pudesse dar algum alívio, ao seu desespero...

Anos depois, em Ouro Preto, encontrei outro morfético, em circunstâncias igualmente enternecedoras.

Era fora da cidade, numa estrada larga que margeia um morro antigamente explorado pelos mineiros.

Quase noite. Já tudo desaparecia, confusamente, na escuridão. De espaço a espaço, eu via abrir-se, mais negra, no negro flanco do morro, a boca de uma mina abandonada. E essas escavações se sucediam regularmente, atupidas de trevas.

Mas de uma delas jorrou de repente uma claridade fraca. Parei, espantado de que entes humanos vivessem na umidade e no horror daquela fuma.

Com efeito, vozes abafadas conversavam lá dentro. E estava eu a indagar de mim mesmo que miséria imensa forçaria homens a buscar abrigo em covas de que até mesmo lobos fugiriam, quando senti que alguém se aproximava.

Era uma menina, miseravelmente vestida. Vinha décima, do morro; e, sobre o fundo rubro-pálido do céu, a sua figurinha se desta cara tristemente,— saíote

esburacado, pés nus, cabelo louro despenteado. Passou perto de mim, tão perto, que pude ver que levava às mãos dois pratos em que fumegava comida. Chegou. Desapareceu no covil habitado.

Aproximando-me, examinei o interior da mina. Ardia no chão um fogo escasso de gravetos, alumando vagamente as paredes negras, que suavam umidade. Ao fundo, havia uma cama feita de molhos de capim mirrado. Roupa lavada secava, estendida em cordas.

E, recebendo o jantar que lhe levava a menina, vi o habitante da sinistra casa, vestido de uma sorte de comprida camisola de pano grosso.

Era um lázaro. Era um homem a quem a enfermidade hedionda impunha a dolorosa obrigação de poupar ao resto dos homens a infecção do contato do seu corpo apodrecido, e forçava a transformar-se num selvagem, habitando, como o Calibã da epopéia shakespereana, uma caverna rude, no seio da Natureza piedosa.

Ah! felizmente para aqueles que têm a carne infiltrada de sânie, as plantas verdes ligam menos importância do que os homens à matéria miserável, que é a mesma nos lábios da mulher que beijamos e na corola da rosa que cheiramos! E, mais indiferentes à podridão humana e mais generosas do que nós, as árvores não escorraçam da sua convivência os leprosos, com medo de que o contágio da lepra lhes manche com placas de gangrena as túnicas triunfais de que se cobrem, e lhes intoxique a seiva de que se alimentam...

S. JOSÉ D'EL-REI

S. José d'El-Rei, 2 horas da tarde. Céu coberto de nuvens de chumbo. Estamos no coração da velha cidade colonial, em que por tantos anos viveu Tiradentes. Praça imensa, de chão atapetado de capim bravo.

No centro, o velho chafariz de 1749, despejando em larga bacia de pedra três jorros de água, pelas bocas de três vermelhas e hediondas caras.

Acima das três bicas, um nicho modesto em que, até há bem pouco tempo, havia a imagem de S. José. Em torno de nós, fechando a praça, casarias lúgubres, pesadas, silenciosas, de sacadas de grade de pau negro, de largas janelas fechada? E ninguém... Nem um habitante aparece no longo trecho da cidade que o olhar abrange.

Um silêncio de cemitério amortalha São José d'El-Rei: e parece que somente nós vivemos dentro dela,— nós, e uma dúzia de bacorinhos trêfegos, pretos uns, arruivascados outros, refocilando na lama que se empoça de trecho em trecho no meio do capim.

Trouxe-nos até aqui, de S. João d'El-Rei, um trem especial. Ao galopar da locomotiva, vimos estender-se, enorme e clara, fugindo à vista para um horizonte sem limite, a Várzea do Marcai,— admirável planície verde, ligeiramente ondulada, fartamente banhada pelo Rio das Mortes.

Às 9 horas, munidos de archotes, entra mos na famosa Gruta de Pedra, uma maravilha natural.

Dentro da gruta, um frio fino e cortante. Grandes salões, de cujo teto escuro pendem colossais candeladros de pedra, sucedem-se, unidos por galerias mudas, de chão úmido e escorregadio.

De quando em quando, o caminho sobe. E o visitante, surpreso, chega a uma nova sala, a um segundo andar da espantosa gruta. À luz do archote, que vacila e desmaia, resvalando pelas paredes rugosas, de anfrato em anfrato, de furna em furna, — aparecem e desaparecem, como por encanto, abismos negros, vultos formidandos de penedos acastelados uns sobre outros.

Às vezes, de uma eminência, o olhar mergulha pelos corredores vagamente alumiados, e percebe ao longe, — caída de uma fendada rocha sobre um chão que brilha dubiamente,— a luz do dia, incerta, azulada, fantástica. E, prestando atenção, num silêncio absoluto, ouve-se o tic-tac das gotas d'água pingando sobre as lajes, filtradas pelas estalactites, continuando o trabalho secular da

formação daquelas assombrosas colunas de pedra. Nos pontos raros em que a abóbada se rasga, deixando aparecer um palmo de céu azul, a claridade põe no solo úmido uma nodoa de cor indefinível.

Há um sítio, de que irrompe, em plena treva, em pleno subterrâneo, um tronco de árvore secular. Há quantas centenas de anos terá ali caído, abandonada e triste, a semente que foi o berço daquele colosso? Sem ar, sem luz, o pequenino rebento cresceu talvez uma polegada de dez em dez anos. Subiu a custo, como uma cobra, pelas paredes da imensa caverna. Engrossou, desenvolveu-se, cresceu. E, já tronco, prosseguiu a sua viagem desesperada e heróica para a luz, para o ar, para aquele céu que adivinhava lá em cima...

Hoje, é curioso seguir esse percurso: o tronco vai de pedra em pedra, confundindo-se com a rocha, subindo sempre, acompanhando aqui uma anfractuosidade, galgando ali uma cavidade, até que emerge da treva por um buraco aberto no teto da gruta, e abre-se, e expande-se, e pompeia, e triunfa, e irradia, e canta em plena luz, alastrando pelo ar a sua gloriosa copa verde, onde garganteiam pássaros, onde vivem ninhos, e de onde pendem os grandes reposteiros fulvos das *barbas de velho*, como mantos régios...

À 10 1/2, saídos da gruta, almoçamos alegremente sobre a relva. Não havia sol. O céu enevoadado era triste e frio. Mas, não olhávamos para o céu... As *toilettes* frescas das senhoras fulguravam; o almoço, frugal e saboroso, desafiava a fome. E ríamos, e ríamos, em plena liberdade, sobre o relvado fresco, entre as cantigas das aves e o barulho de uma queda de água...

Agora, 2 horas da tarde, sob um céu coberto de nuvens de chumbo, no coração da velha cidade de S. José d'El-Rei, amortalhada num silêncio de cemitério, — sentimos a alma invadida por uma melancolia súbita.

Que silêncio, que tristeza, que morte! S. José d'El-Rei chama-se hoje — Tiradentes. Quiseram com essa mudança de nome perpetuar a memória do grande Inconfidente, fechando-a numa sorte de sacrário imenso, em que ninguém possa entrar sem um grande respeito e uma comoção invencível. Conseguiram-no. Em S. José d'El-Rei, não creio que alguém tenha a coragem de rir. Aquilo é mais triste, mais horrivelmente triste do que um campo-santo. Não creio mesmo que o viajante, que percorre as ruínas de Pompéia desenterrada, sinta a impressão de tristeza inenarrável que senti, percorrendo as ruas desta cidade morta, onde moram vivos, onde não se vê ninguém, mas onde se advinha que uma população melancólica e cheia de tédio arrasta uma vida muda de espectros...

As ruas, calçadas de pedras miúdas e avermelhadas, sobem e descem, desertas,

cheias de casas a cujas janelas nem uma cabeça de ente vivo aparece. Os mesmos porcos que se encontram, de espaço a espaço, focinhando a terra, têm um ar tão aborrecido, tão concentrado, tão meditabundo, que a gente chega a acreditar que os porcos possuem como nós uma alma acessível ao tédio e à misantropia...

Passamos pela casa da câmara, onde em 1827 se jurou a Constituição do império defunto, — uma grande casa que vem quase até o meio da rua, com varanda de madeira em cujos balaustres amarelecem editais, — e pela casa em que morou Tiradentes,— confortável vivenda que é talvez a melhor habitação da cidade.

A matriz está situada no alto, dominando toda a cidade, ao fundo de um terraço ladrilhado. Atentando no ladrilho, vê-se que é formado por lapides de tumbas. Um relógio de sol, velhíssimo, ergue-se a um canto do terraço.

Entramos. O velho templo é de uma magnificência e de uma suntuosidade indescritíveis. O teto, as paredes, as colunas desaparecem sob a pompa dos ornatos de ouro e sob as relíquias dos quadros sacros. O altar-mor fulgura, num deslumbramento. Grandes imagens pensativas, santas de espada cravada ao seio, Cristos ansiando sob o lenho, virgens de olhar azul erguido ao céu, quedam imóveis nos seus nichos magníficos. E, ao lado do altar principal, estendem-se duas imensas e preciosas telas antiquíssimas, a *Ceia* e as *Bodas de Canaã*. — cujas tintas ainda conservam a primitiva e indestrutível frescura.

Dizem que a igreja possui uma quantidade fabulosa de salvas, de candelabros, de lâmpadas, de ornatos de prata. Não podemos ver esse tesouro. Há pouco tempo, gatunos tentaram roubá-lo, arrombando uma das portas laterais do templo. E, por precaução, a irmandade escondeu toda a prata. Entretanto, pode:nos ver, na capela do Sacramento, uma lâmpada monumental de prata maciça, que arde dia e noite, — admirável peça de grande valor intrínseco e de inestimável custo artístico.

Subimos à torre. Fazemos vibrar o grande sino que tem esculpida no bronze a data — 1747. E, descendo ao coro, examinamos o órgão. É uma formidável almanjarra musical, instrumento primitivo, fabricado em 1798, com pinturas que nunca foram restauradas, e movido por dous poderosos foles, a cujas alavancas, para que o órgão possa tocar, se dependuram dous homens. Apresentam-nos o organista. Pedimos-lhe que toque alguma coisa. Ele, um velhinho trêmulo cuja velhice diz bem com a do órgão, faz-nos a vontade. Aproxima-se do vetusto instrumento com carinho e respeito. Limpa-lhe as teclas, comovido, e começa... Uma melodia arrastada, dolorida, tristíssima sobe, espalha-se pelo templo, e, pelas janelas abertas, sai para o ar livre, e vai chorar sobre as ruas desertas, — como o cântico fúnebre dessa cidade morta...

E, ainda, quando já longe de S. José d'El-Rei, atravessamos, a caminho de S. João, a risonha Várzea do Marcai, — ainda essa música de agonia, banhada de lágrimas e cortada de soluços, enche-nos o ouvido e amarguradamente nos repercute dentro da alma...

FR. JOÃO JOSÉ

No ano da graça de mil setecentos e vinte, D. Pedro de Almeida e Portugal, muito alto conde de Assumar, comendador da comenda de Sam Damiam e Sam Cosme de Azere, da Ordem de Cristo, do conselho de S. M. El-Rei, sargento-mor de batalha dos seus exércitos, Governador e Capitão General das capitânias de S. Paulo & Minas Gerais, — andava de Vila Rica para Vila do Carmo e de Vila do Carmo para Vila Rica, no afanoso mister de distribuir a justiça de D. João V pelos súbditos desse Fidelíssimo Senhor.

Naqueles tempos apartados, distribuir a justiça de El Rei queria dizer — distribuir os impostos, as captações, cobrar os quintos do ouro, confiscar os bens dos ricos, carregar de ferros os miseráveis, e estar sempre de olho alerta para a hidra da desobediência, que, a quando e quando, rugia dentro da vil aglomeração do populacho revel.

Para essas variadas atribuições do seu espinhoso cargo, mostrava o conde de Assumar uma aptidão notável. Já, nesse mesmo ano de 1720, manifestara ele uma astúcia de lobo, uma bravura de leão, uma agilidade de macaco na luta travada contra a gente rebelde que se colocara ao mando de Felipe dos Santos. Colhido de surpresa pela revolta, D. Pedro de Almeida e Portugal, sozinho, sem tropa, acuado em Vila do Carmo pela multidão armada, — como uma onça, numa furna, por uma matilha de cães, — fizera-se brando como um cordeiro, deixara a sua bela face de fidalgo macular-se de um riso fingido de condescendência com as exigências da plebe, e aceitara condições, e assinara convênios, e fizera promessas, e comprometera no negócio não só a nobre palavra sua, como a real palavra do seu augusto amo. Vitoriado pelo povo, deixou-o embalado na rede engadora das promessas, e foi a Vila Rica. E daí a vinte e quatro horas, a sua polícia secreta (tão bem organizada, tão disciplinada, tão ativa como a que nos felicita hoje, em mil oitocentos e noventa e quatro), batia os arredores das duas vilas, tecia em torno dos cabeças do motim uma rede formidável de enganos, de ciladas, de perfídias, de traições. E, antes de passados oito dias, a tropa prendia todos os cabeças, massacrava grande número de populares, e mostrava à massa bruta dos governados que uma promessa nos lábios de um governante é mais enganadora do que uma miragem nas areias de um deserto. E, enquanto Felipe dos Santos, esquartejado, rebolcado no pó, santificando-o com o seu sangue generoso, era arrastado de colina em colina para edificação e exemplo dos súbditos insubordinados, — o conde de Assumar mandava cobrar os impostos, que haviam excitado o motim, e, confiscando os bens dos amotinados, aumentava as rendas da Fazenda Real, fornecendo nova copia de cruzados para as orgias conventuais de Sua Majestade.

Aplacado esse motim, D. Pedro de Almeida fez pesar ainda mais sobre a colônia as suas exigências. E, havendo notado que nas minas se desenvolvera um gosto desenfreado pelos jogos de azar, — começou a perseguir a hidra do jogo como havia perseguido a da anarquia. Não sei se nas minas de então havia os modernos jogos civilizados, — a roleta tentadora, os alucinantes dados, o formidável *baccarat*, o comovedor *lansquenet*. É de crer que não: o que havia era a nossa mesma rifa de hoje, esta mesma ação *entre amigos*, que ainda agora aparece diariamente anunciada nos jornais, tentando a cobiça dos papalvos e enchendo as algibeiras dos vadios.

Um dia, mergulhando nos arquivos empoeirados de Ouro Preto, pesquei ao fundo desse *mare magnum* de papéis velhos, a pérola de uma portaria preciosa. É a portaria em que o conde de Assumar proíbe ao povo do seu governo que compre *ações entre amigos*.

Esta sorte de rifa é hoje, como em 1720, um negócio da China. Careço de dinheiro. Não tenho um vintém, mas tenho um relógio. Que faço? Não vou vender o relógio a um relojoeiro que me dê por ele cem mil reis. Promovo uma ação entre amigos, e rifo a minha jóia a dez mil reis o bilhete. Vendo quarenta e nove bilhetes, embolso quatrocentos e noventa mil reis, e, quase sempre, quando corre a loteria a que anda anexa a minha rifa, reconheço com um contentamento infinito que o prêmio coube ao único bilhete que ficou comigo. E, assim, resolvo o problema de ganhar dinheiro sem perder o relógio.

Isto, que pela habilidade fim-de-século que revela parece coisa de hoje, é coisa que data de mais de dois séculos. E o que há de mais curioso, na portaria que descobri, é a revelação de que foi um frade quem introduziu no Brasil a moda das ações entre amigos...

Cuidava eu que fora o diabo em pessoa quem, a bordo de uma caravela fantástica, trouxera das terras corrompidas da Europa para as terras imáculas da América a mania do jogo.

Puro engano! a semente do jogo veio dentro do breviário de um carmelita descalço. Ides ver como fr. João Josef, quando chegou ao Brasil— com uma face piedosa, toda alagada de fé, pés nus mortificando-se no rude chão dos matos virgens, mãos cruzadas ao peito, numa atitude de recolhimento e de prece, olhos extaticamente pregados no céu azul,— trazia entre as dobras do hábito severo os papeluchos numerados da primeira rifa Brasileira, da Eva-mãe de todas as nossas rifas.

Eis aqui o documento precioso, copiado, sem alteração, de um grande livro amarelado, picado de traças, encapado de couro roído,— cujo sono secular fui interromper no seio calmo de um armário venerando:

“D. Pedro d'Almeyda. etc. etc. Faço saber a todos os moradores deste governo que, sendo S. Magestade a q. D. g. informado que o Revdo. Padre Fr. João Joseph, Religioso Carmelita descalço introduzio neste governo humas sortes a que chamão rifas na forma que se usão nos Reynos Estrangeiros, as quaes sem ordem dos governadores e informação dos ouvidores geraes das Comarcas fazem alghumas pessoas para dar sahida aos seus bens que por outro modo não venderião tão brevemente, sendo nestes casos excessivo o valor porque se rifão a saber: escravos, fazendas e moradas de casas em que S. Magtstade reconhece prejuiso dos moradores dessas minas, pois lhe chegou a sua Real noticia que muitos entravão nas ditas rifas mais por contemporisar com pessoas de respeito que for vontade própria com dez, vinte e trinta outavas cada huma, e querendo o dito Senr. obviar o dano que se pode seguir aos seus vassalos das ditas rifas; foi servido ordenar-me as não consentisse nessas minas sob penas graves para que se não tornasse a usar das ditas rifas e crescesse o dano com a sua demasiada frequencia; portanto ordeno que nenhuma pessoa daqui em diante possa fazer rifa alghuma nem entrar nella, ou seja voluntariamente, ou solicitada por outra; quando suceda pelo contrario qualquer pessoa que rifar qualquer das cousas sobreditas perderá a dita cousa rifada a metade para a Fazenda Real e a outra ametade para quem o denunciar, e as pessoas que entrarem na dita rifa perderão triplicado o premio que nellas arriscarem ametade para a Fazenda Real e a outra ametade para as obras pias, e os Drs. ouvidores gerais farão cada hum na sua comarca que se observe com todo o rigor esta ordem que S. Magestade a quem D. g. me há por muito recommendada e paia que venha a noticia de todos a mandei publicar a som de caixas, registrar nos livros da Secra. deste Governo e nos da ouvidoria e comarca de todas as villas. — Villa do Carmo, 15 de Março de 1720. — Conde D. Pedro d'Almeyda.

Perseguido pelo conde de Assumar, como o é hoje pelos delegados de polícia, que fez o jogo? Desenvolveu-se. Escravos que trabalhavam doze horas por dia, no fundo negro e úmido das minas, mal alimentados, gemendo sob a fome e o chicote, arriscavam sempre, às ocultas, a oitava de ouro furtada à batêa. Oh! a bela tentação para os miseráveis escravos! esse fruto proibido que os incitava ao pecado e ao furto! esse delicioso prazer somente agora revelado àquelas almas rudes! a atração do azar, abrindo àqueles espíritos primitivos um horizonte largo de embriaguez, de atordoamento, de êxtase, — meio de ganhar dinheiro sem trabalho forçado, e, mais do que isso, meio de esquecer a amargura do cativo, a dor das chicotadas, o peso das gol ilhas e da formidável canga do trabalho e do sofrimento!

Essa semente de rifa introduzida nas Minas pelo piedoso Fr. João Josef faz lembrar a semente de trigo de que falia um *lied* alemão.

Um rei irritado contra uma semente de trigo atira-a ao vento: e eis que ela volta a bater-lhe insolentemente a face. Furioso, mete-a o rei escondida no seio da terra, e exulta. Meses depois, de volta de uma caçada, pasma e recua, vendo, no lugar em que enterrara a semente, erguer-se um trigal, vitoriosamente, agitando no ar, como espadas, as suas longas folhas petulantes...

Tal, o conde de Assumar, sufocando a primeira rifa, fez que ela se espalhasse, multiplicada, pelas terras do seu governo, pelas terras de todo o Brasil... E seria justo que na sala principal de cada Club de Jogo do Brasil, se pusesse um troféu, uma escultura, uma tela, uma inscrição, qualquer coisa que perpetuasse na memória dos jogadores os serviços de Fr. João José, o meigo e generoso carmelita descalço, a cuja iniciativa devemos todos nós, nesta parte da América, o ópimo florescimento das batotas de que gozamos...

Porque, enfim, o próprio D. Pedro de Almeida, se vivesse nestes abençoados tempos, em que os homens só não jogam a alma porque não encontram quem aposte qualquer coisa contra ela, não perseguiria mais o jogo, e deixaria que as rifas saltassem do solo, aos milhões, como vegetações de cogumelos espontâneos.

Prados, frontões, belodromos, roletas fidalgas, visporas humildes, loterias, jogos de toda a espécie, — nem mesmo o terror do bombardeio, durante oito meses de guerra, perturbou a vossa vida gloriosa... O amor do azar se nos infiltrou no sangue de tal modo, que o jogo não é mais um vício, não é mais um passatempo, não é mais um meio de vida, — é o próprio fim da vida, é a própria vida.

Assisti mesmo, uma tarde, em pleno Frontão, a uma cena estupenda, capaz de desmandibular o *maisspleenético* dos homens. Jogava-se uma *quiniéla*. Lestos e vivos, de olhos espertos para a direção da pelota, músculos alerta para o salto felino, os corpos vibrando todos no exercício violento, — os *pelotaris* corriam a *cancha*. A multidão delirava. E um sol glorioso batia em chapa sobre milhares de cabeças ansiosas,— gente alheia de tudo, entregue toda à comoção do jogo. E ouvia-se de espaço a espaço o troar do canhoneio na baía entre fortalezas e navios, enchendo o ar.

Mas, que importava o canhoneio? Não era lá, ao roncar dos *schrappnells* e das granadas, que para aquela gente se estava decidindo a sorte da pátria. Aqui sim, sobre a ardósia da *cancha*, ao estalar seco da bola contra as cestas recurvas, ao rugir dos aplausos a cada saque feliz, aqui, sim, é que a pátria estava, porque a

pátria é o gozo, o bem-estar, a delícia de existir, o amor, a ventura, a vida, a emoção...

De repente, um barulho entrechocado, como de fuzilaria, dominou o clamor dos aplausos. E aquilo durava! durava! aproximava-se! prolongava-se! Bastou um segundo para que todos compreendessem. Um navio assestara a sua bateria de metralhadoras para a terra. E algumas balas, com um choque medonho, bateram contra o frontão de cimento, amolgando-o, esfarelando-o, rachando-o.

Toda a multidão, num rugir de tempestade, se precipitou pelas escadas.

Houve cinco minutos de fuga vertiginosa, de terror pânico indescritível, de confusão sem nome.

Mas, daí a meia hora, como o barulho do canhoneio houvesse cessado, alguns curiosos voltaram: “Ora! uma pontaria mal feita: cousa que sucede...” Vieram primeiro dez, cinquenta, cem depois... E a última *quiniíla* do programa, se não teve tantos apostadores como as outras, nem por isso deixou de ser jogada, com calma, sem açodamento, sem medo. E, entre novas aclamações, a pelota ia e vinha, batendo de quando em quando nos lugares em que outras *pelotas*, mais perigosas, haviam momentos antes batido...

Ah! Deus me perdoe! e perdoem-me os manes de todos os Portugais e Assumares! — se o íntegro D. Pedro de Almeida vivesse hoje, não poria dúvida em arriscar dez mil reis nas quatro patas de um cavalo, nos seis números de um *esguicho* ou nos oito pontos de uma *quiniéla*...

E mesmo, quem sabe? neste ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oito centos e noventa e quatro, talvez o belo fidalgo, tão ríspido para com o pobre carmelita João José, se decidisse, convencido das vantagens da *ação entre amigos*, a rifar o seu enorme e precioso relogioso lavrado, com figurinhas a esmalte na tampa, em torno da coroa de conde, do capacete de sargento-mor de batalha e do brasão dos Portugais: — em campo de prata, uma aspa de vermelho carregada com cinco escudinhos, cavalo russo, por timbre, com cabeçadas e rédeas do mesmo vermelho, e elmo de prata aberto e de perfil...

TRIUNFO EUCARÍSTICO

Quando, em 1734, Simão Ferreira Machado _deu à publicidade o seu, hoje raríssimo, folheto — *Triunfo eucarístico*, exemplar da cristandade lusitana em pública exaltação da fé, — tinha assento no trono de Portugal o famoso D. João V, o Magnânimo, primeiro Fidelíssimo da sua dinastia.

Subira ao trono em 1705 o filho de Pedro II e de Isabel da Baviera, com 16 anos de idade. O grande século expirara, havia cinco anos, — o século do Rei-Sol. Mas, o espantoso clarão, que essa era de fausto, de grandezas, de luxo inaudito espalhara sobre o mundo, persistia ainda, inalterável, porque ainda o Rei-Sol vivia, em pleno fastígio.

Versailles, corte de França, como as cortes da Itália, ao tempo da Renascença, governava o mundo, pelo esplendor do seu cerimonial, pelo fulgor da sua Arte, pelo deslumbramento do seu supremo bom gosto.

Do chão da França, catedrais e palácios surgiam, de repente, como a um toque de varinha mágica. E Luiz XIV, cercando-se de uma ostentação e de uma pompa nunca vistas, aparecendo aos olhos do mundo como um Deus, numa irradiação de ouro e de luz, arrastando consigo a mais bela, a mais elegante, a mais aristocrática, a mais bem educada, a mais espantosa corte do mundo, acabava de firmar as bases da monarquia absoluta, firmando a teoria do direito divino.

Já Bossuet afirmara: “Deus é o verdadeiro rei: mas estabelece os reis como seus ministros, e, por intermédio deles, reina sobre todos os povos.” E já o preceptor do pequenino Luiz XV, mostrando-lhe a multidão a aclamá-lo, sob as janelas do palácio, lhe dissera esta frase famosa, esta frase única: “*Sire! tout ce peuple est à vous!...*”

Foi nessa época que D. João V recebeu o poder real. O seu erário regurgitava de ouro. Do seio inesgotável do Brasil mananciais larguíssimos de riquezas brotavam. E o rei de Portugal era um dos maiores senhores da terra, porque tinha aberto aos pés todo um Patolo maravilhoso.

Então, as serras mineiras abriam-se prodigamente em avalanches de ouro. Os rios rolavam sobre leitos de diamantes. Em cada frincha de pedra aparecia um filão precioso. E a metrópole, de olhos ofuscados pelo fulgor de tanta riqueza, metia mãos ávidas nas entranhas do Brasil, e espojava-se, ébria de fortuna, de cupidez, de fartura, sobre este chão miraculoso.

Chegou até nós a nota autentica das riquezas que do Brasil foram para Portugal

durante o reinado de D. João V:— 125.174.553 de cruzados; 97.470 moedas de ouro; 1.568.146\$379 réis em dinheiro; 315 marcos de prata e 24.538 marcos de ouro; 70\$000 de ouro em barra; 12 milhões de cruzados em diamantes; vinte e duas caixas de ouro em obra;— além do produto do quinto das minas, que, só em 1716, importou em 345:000\$000.

Mas o novo reinado não começou com felicidade. Desposando Maria Ana da Áustria, D. João V associou-se ao imperador Leopoldo para prosseguir na guerra contra a França, a propósito da sucessão de Espanha.

E os desastres começaram a suceder-se, desastres a que até a peste deu o seu contingente, dizimando, só em Lisboa, em 1723, mais de quarenta mil pessoas. O rei Magnânimo recolheu-se, então, desiludido, ao amor, ao gozo, ao luxo e à religião. E, dando de mão às rédeas do governo, entregou-se à beatice e à libidinagem.

Voltaire fotografou-o neste período incisivo: “As suas festas foram as procissões, os seus palácios foram os monastérios, as suas amantes foram as freiras.”

Beato e devasso, D. João V deixou-se seduzir pelo luxo da corte de França, e introduziu-o, incalculável e prodigioso, em Portugal. Para isso, repartia em duas porções as riquezas que lhe provinham da exploração das minas do Brasil: — metade para as despesas da mesa farta, da garrafeira abundante, do amor descomedido e licencioso, e a outra metade para a sustentação da fé e do fausto litúrgico, para a construção dos palácios, dos conventos, dos templos que ainda hoje em Portugal deslumbram o viajante.

Nos seus antecessores, a mania religiosa revestira forma diversa, impulsionando a criação e o desenvolvimento das missões, — troços de soldados de Cristo que, pelos matos ínvios, se embrenhavam, com a palavra de Deus nos lábios, caminhando serenamente para as provações de toda a sorte, para a tortura, para o martírio, para a morte, — caça dores de almas pagas, que, as vezes, depois de haverem subjugado o espírito do gentio com a doçura das suas lições, lhe subjugavam o corpo também, ao peso dos ferros do cativeiro... Mas, no Rei Magnânimo, o amor da religião consistia antes de tudo no amor do culto externo.

Para que se faça uma idéia precisa da veneração que D. João V tinha pelas cousas e pelos títulos da Igreja, e, ao mesmo tempo, para que se avalie bem o que era a riqueza de Minas, naquele tempo,— basta dizer que Sua Majestade durante anos e anos chorou, por intermédio de embaixadas deslumbrantes, aos pés do papa Bento XIV, a suplicar-lhe, para si e todos os seus descendentes, o título de Rei Fidelíssimo,— esse mesmo título que ainda hoje condecora o gordo

D. Carlos de Portugal e dos Algarves. Para conseguir isso, foi necessário engrossar prodigiosamente o dinheiro de S. Pedro, porque o papa só concedeu a honraria tão ardentemente ambicionada a troco de quatrocentos e *cinquenta milhões de cruzados de ouro*, fornecidos todos pelo produto da mineração nas terras do Brasil.

Datam dessa era de fabulosa riqueza quase todas as criações religiosas de Portugal: o convento de Mafra, a capela de S. Roque, a Patriarcal. Como o dinheiro chegava sempre e cada vez em maior abundância, as construções monumentais começaram a levantar-se à farta, como o Aqueduto das Águas Livres. No reinado de D. João V fundaram-se a Academia Real de História, o Hospital das Caldas, duas casas de armas, quatro bibliotecas, duas casas de cunhar moeda, fábricas de papel, de marroquins, de sedas, de vidros...

Enquanto isso,— o sofrimento, a tirania, a opressão, o vexame cresciam na colônia. Cada milhão de cruzados de ouro que ia para Portugal, representava o martírio de milhares de Índios, de negros, de Brasileiros. E a nacionalidade nova começava a formar-se, entre lágrimas e chicotadas... As exigências da Corte, lá, aumentavam de dia para dia. E os capitães gerais-governadores aumentavam, aqui, na mesma proporção, os impostos acabrunhadores, as captações impossíveis, multiplicando as cobranças dos quintos, e folgando em degredar e matar homens ricos, porque do confisco dos seus bens novos capitães brotavam.

E quando, em 31 de Julho de 1750, morreu esse rei, que foi o mais rico da terra, não se achou um vintém no erário real...

Naturalmente, essa mania de luxo religioso vinha prolongar-se e ser imitada em Vila-Rica, capital das Minas, a que Simão Ferreira Machado, na enfática e preciosa *allocutoria* com que abre o folheto, chama “a nobilíssima Vila Rica, mais que esfera da opulência, teatro da religião, e sol a cujas luzes ficam sombras de todos os astros os esplendores.”

Livro destinado a vivo sucesso, interessantíssimo como contribuição histórica para o estudo da era colonial, seria aquele em que, sob o título — Deus na Capitania das Minas—, um escritor nacional estudasse o espírito religioso deste povo, na época da sua for mação.

O povo reservava parte do ouro, que conseguia esconder à cupidez tirânica de El-Rei, para as homenagens devidas ao Senhor, para as pompas com que a Fé triunfava nos templos, para os mantos recamados de pedras preciosas com que se cobriam as imagens sagradas. Era o alvorecer da Crença: aquela gente que sofria, que penava, que morria a trabalhar, com as costas acurvadas ao peso de um despotismo hediondo, refugiava-se na religião como num seio de consolo,

de paz e de carinho. Crença primitiva, religião fetichista, fé ingênua, cheia de absurdos, — a tal ponto que, na mesma procissão do Triunfo Eucarístico, como se verá adiante, Vênus, Saturno, Marte, Júpiter, o Sol e a Lua, apareciam ao lado de Nossa Senhora do Rosário, de S. Sebastião, de S. Benedito, de Santo Antônio de Lisboa,— e tudo isso entre danças de turcos, de alemães, de Índios, de negros, de ninfas e de Cupidos...

Mas, de quantos sacrifícios era aquele povo capaz, para manter a pompa dessa Fé!

Em Ouro-Preto, a igreja de Santa Ifigênia foi edificada à custa das contribuições de escravos. Dizem que havia no lugar uma capelinha humilde. Uma grande pia cheia de água benta esperava à porta os fiéis. As negras traziam as gaforinhas enormes cheias de ouro em pó. Chegavam à pia, lavavam nela a cabeça, e o ouro caía... Com o metal assim recolhido, afirmam, foi construída a igreja atual...

Quem visita os templos das velhas cidades mineiras encontra, forrando as paredes, desenhos toscos, engraçadíssimas telas, quadros adoráveis de ingenuidade.

Dá-lhes o povo o nome de milagres, por que eles celebram sempre intervenções miraculosas de santos e santas em tristezas, em mi sérias, em doenças humanas.

Lembro-me agora de dois desses quadros, que achei na antiqüíssima igreja de Sant'Ana, edificada um pouco abaixo da de S. João do Ouro Fino, em Ouro Preto,— dois preciosíssimos documentos de arte e de religião.

Trata-se da comemoração de dois milagres, que a influência sobre-humana da Senhora Sant'Ana causou na velha capital de Minas, há cento e sessenta e dois anos (1732), quando invocada a mitigar o sofrimento de dois enfermos.

Para os doentes, para os cirurgiões e para o povo,— naquele tempo em que uma fé inabalável e simples deitava raízes fundas em todos os corações, — a medicina, por si só, nada valia. Quando o médico propinava ao doente a droga salvadora, era necessário, para que ela produzisse o efeito desejado, que Deus estivesse presidindo à sua administração, guiando com o seu influxo extra mundano a perspicácia e a sabedoria do clínico. Às mãos do cirurgião, a lanceta nada faria, se, invisível, a mão de uma Senhora Milagrosa não a estivesse conduzindo, secundando a perícia do operador, sustando-lhe as hesitações, mantendo-lhe a segurança do pulso. De sorte que o cirurgião lavava, como precaução de fé, os seus instrumentos em água benta, da mesma forma por que os lava hoje, como precaução anticéptica, em água fenicada.

É preciso atender a que esses dois pequenos quadros, humildes, na humildade da sua tosca moldura, representam o esforço, a gratidão, o sacrifício de dois pretos escravos e miseráveis. As tintas primitivas conservam-se ainda vivas e frescas, livres felizmente de restauração profanadora.

No primeiro, um cirurgião corta uma perna um preto. Dois ajudantes, trajados à moda da época, sustêm o corpo do paciente: um levanta-o pelas axilas, outros pelos pés. Ao lado, o operador, vestindo gibão de seda branca, calções de meia cor de pérola, sapa tos bicudos, e trazendo o cabelo empoado, com rabicho,—pratica a amputação.

Ao fundo do quadro, aparece a Senhora Sant'Ana, entre nuvens, ensinando Jesus a ler.

Na parte inferior da tela há a seguinte inscrição, que transcrevo textualmente, conservando com todo o rigor a ortografia e a pontuação:

“M. M. q' ffez a S. S. Anna, ahu preto Luis escravo de Luiz Pra. que quebrando húa perna pela Coixa e sendo Emcanada 3 vezes, sem denehúa soldar lhe abrio o Syrorgião a perna e serrando-lhe as pontas dos ossos por entercessão do milagrosa S. se vio Sam. em 20 de 8bro de 1732 annos.”

A composição do segundo quadro é mais simples. No primeiro plano, um preto está deitado em um catre antigo, embrulhado em cobertas alvas. Os seus olhos, desmedidamente abertos, como em êxtase, contemplam ao fundo a mesma Senhora Sant'Ana que paira no ar, entre as mesmas névoas, com o mesmo menino Jesus ao colo. Inscrição:

“Milagre que ffez a Snra. S. Anna A hú preto do Rdo. Manuel Mendes que Estando deseparado de médicos de um Istupor valeose da dita Snra. logo teve milhora e dahí por diente saúde.”

Como esses, outros documentos abundam, inúmeros, por todos os pontos de Minas, em S. João d'El-Rei, em Mariana, em Congonhas, em S. José d'El-Rei. Dos desta última cidade, conservo entre os meus apontamentos o dizer de um, mais recente que os que acima citei:

“M. M. q' f. Santa Rita a Maria q' Estando muinto mal de huma enfermidade grave por entercessão da d^a. Senr. alcansou saúde com mta. milhora. na Era de 1747.”

Eram, ou pareciam ser tão comuns os milagres, nesses tempos bem-aventurados!

Quantos deles são ainda hoje relembra dos pela crença popular!

Em S. João d'El-Rei, na igreja de São Francisco de Assis,— estupendo templo romano, de admiráveis e altíssimas torres cilíndricas, de riquíssima fachada de pedra azul esculpida,— há um enorme Cristo de madeira, de tamanho maior que o natural, e objeto de especialíssimo culto, porque uma lenda, há mais de cem anos transmitida de pais a filhos, cerca de uma névoa encantadora de poesia e mistério.

Diz-se que, quando a Ordem deliberou colocar nessa igreja uma imagem do Crucificado, apresentou-se-lhe um homem pobre mente vestido a encarregar-se da tarefa.

Declarou desde logo apenas exigir que o deixassem trabalhar em paz, longe das vistas de todos. Para isso pedia uma casa isolada, em que se fecharia com os materiais necessários, e duas vasilhas, uma com farinha e outra com água. Aceitas essas condições, murou-se o misterioso escultor na sua misteriosa oficina. Os dias passaram-se. Da casa fechada nenhum rumor saía. Amortalhava-a um silêncio absoluto. Por fim, essa mudez começou de inquietar a população. A irmandade, impaciente, resolveu arrombar a porta da oficina, afim de ter a explicação do mistério. E o milagre se patenteou, irrecusável e claro. No meio da sala, intactas nas vasilhas, conservavam-se a água e a farinha. Fechadas as janelas, sem o menor sinal de violência; e o escultor desaparecera... Mas, de pé, acabada e perfeita, a maravilhosa imagem esplendia, gigantesca, abrindo os grandes braços chagados sobre os curiosos que se prosternaram, feridos de assombro, e dali se foram a propagar a notícia do estupendo caso.

Não há em S. João d'El-Rei quem não conheça e repita esta tradição. E Antônio José Rodrigues, em umas notas de viagem, afirma: “dos livros da ordem não consta o pagamento do feitio da imagem e nem a maneira por que ela ali veio ter.”

Doces tempos! tempos em que Deus, disfarçado, descia à terra e comunicava diretamente com os crentes! Deus, para os sofredores de então, não tinha a antiga catadura má do Senhor de Israel. Os fiéis, quando se dirigiam a ele, não se humilhavam, com a face rebolcada no pó, e os olhos cegos de medo: filavam-lhe com familiaridade e amor, como a um pai condescendente, de perdão fácil, de autoridade pouco exigente.

Com a Virgem Maria, com os Santos, com os Anjos, a intimidade era ainda maior. E Simão Ferreira Machado, dedicando o seu folheto, hoje raríssimo, à Soberana Senhora do Rosário, dirige-se a ela nestes amistosos e afabilíssimos termos:

“Daquele afeto, com que veneramos a vossa Soberana Majestade, (o qual com humilde reconhecimento confessamos sem explicação inferior à nossa dívida de inumeráveis e singularíssimos benefícios vossos), se derivaram aqueles júbilos de alegria, com que vimos a magnífica e honorífica festividade em honra de vosso Santíssimo Filho e Senhor Nosso.....”

O folheto de Si mão Ferreira Machado intitula-se *Triunfo Eucarístico, exemplar da Cristandade Lusitana em pública exaltação da fé na Solene trasladação do Diviníssimo Sacramento da Igreja da Senhora do Rosário para um novo templo da Senhora do Pilar, em Vila Rica, corte da Capitania das Minas, aos 24 de Maio de 1733.*

A publicação foi feita por encomenda dos Irmãos pretos do Rosário, em Lisboa, na Oficina da música, e traz a data de 1734.

Frei Antônio de Santa Maria, da Sagrada Família dos Agostinhos Descalços e Qualificador do Santo Ofício, num estilo tão complicado e tão gongórico como o de Simão Machado, autorizou a impressão do folheto, “não só porque não contém cousa em que se possa temer que a fé perigue e os bons costumes se pervertam, mas porque será um clarim da fama que faça estremecer o universo assombrado da generosa piedade e pródiga magnificência dos portugueses, com que em todas as partes do mundo tributam cultos e rendem adorações ao Diviníssimo Sacramento.”

Toda a obra, como se depreende logo do título, não é mais do que a descrição das festas com que se transportou uma imagem de um templo para outro. É difícil, senão impossível, resumir as dezoito páginas dilatadas, em que se espraia, como um mar, a prosa fantástica de Simão Machado, atulhada de repetições, de perífrases, de transposições. Mas é necessário dar do livro uma idéia, por pálida que seja, para que se imagine o que foi essa assombrosa procissão, cuja organização lembra tantas vezes a dos nossos préstitos carnavalescos de hoje, e diante de cujo esplendor nada são as procissões religiosas dos nossos dias.

Para a tarde de 24 de Maio estava marcada a solenidade. Mas, desde fins de Abril, Vila Rica começou a delirar. Bandos de máscaras, jocosos e cabriolantes, se despencavam todos os dias pelas ladeiras da cidade, ao som de adufes e trompas. A 3 de Maio, duas grandes bandeiras alegóricas de damasco e ouro se plantaram em frente aos dois templos. Seis dias de luminárias precederam a festa. E dá gosto ver o espanto ingênuo com que Simão admira a profusão dessas luzes: “houve luminárias gerais em toda a vila até o bairro do padre Faria, último idôneo para dilatar nessas noites às luzes o domínio das trevas.” No morro de Paschoal da Silva, “nas casas dos moradores as luzes, que

mostravam aos juízes o centro da opulência, por sua altura, como na região das nuvens, pareciam aos olhos luminárias do céu.” Toda Vila Rica resplandecia ataviada. Pelas janelas, grande pompa de damascos e sedas fulgurava, “e esquisitos labores entre ouro e prata, tremolando as idéias do Oriente troféus à opulência do Ocidente.” Cinco arcos e vários altares se levantaram: e um dos arcos era todo de cera virgem. Flores e folhas alcatifavam as ruas. E foi no meio de ansiedade geral que o dia 23 chegou, mas frio e horrível, alagado de chuvas torrenciais. Mas, como esse dia era um sábado, dia de Nossa Senhora, Simão Ferreira Machado, com uma boa fé tocante, atribui esse contratempo natural a um propósito da divina Providência, porque, diz ele, Nossa Senhora quis que a festa se realizasse não no dia dela, sábado, mas no dia de seu Filho, domingo. E dada esta explicação, entra logo a descrever o préstito.

Abriam-no três danças: a primeira de turcos e cristãos, em número de trinta e dois, militarmente vestidos; a segunda de romeiros, e a terceira de músicos, cujos instrumentos enchiam o ar de harmonias. E logo depois, vinham os quatro Ventos, “vestidos à trágica”: Oeste, Sul, Norte e Leste, que montavam cavalos castanhos escuros, mosqueados de branco, com arreios de pregarias de prata e passamanes de ouro, e trajavam capilares de seda branca, manguitos de cambaia, fraldões cor de rosa, grandes caraminholas de tisso com diamantes à cabeça, rematadas por cocar de plumas.

A Fama, toucada de diamantes e plumas, recamada de franjas de ouro, calçando borzeguins vermelhos, vinha depois deles, e sustinha à mão, pendente de uma haste acabada em cruz, um estandarte em que se lia, por baixo da Arca e de uma Custodia, o dístico: *Eucharistia in traslatione victrix*: e a seu lado, pagens, com asas nas costas, nos chapéus e nos pés, agitavam caduceus, e distribuíam ao povo “elegantíssimos poemas”.

Um alemão, trajado à Castelhana, de vel” ludo roxo, sobre um cavalo russo, tocava trombeta, e oito negros “vestidos por galante estilo,” tocavam charamelas. E, precedida de seu pagem, aparecia a grande figura do bairro de Ouro Preto, toda coberta de ouro e pedrarias, com uma salva de prata na mão e dentro dela um pequeno morro do mesmo metal. O cavalo que sustinha o peso dessa extraordinária figura, fulgia, como ela, ajaezado com tal luxo, que Simão, comovido, escreve: “Houve opiniões que deram ao cavalo muito mais melhoria que à figura; mas era gosto dos olhos contra as verdades da natureza.”

Nova marcha de pagens escoltava Ouro Preto. E, agora, a multidão pasmava, contemplando os sete Planetas, que surgiam, “oferecendo aos grupos as memórias da antiguidade, aos olhos uma variedade majestosa.”

A Lua, precedida de ninfas, que vestiam de azul, trazia à cabeça um turbante, bordado de estrelas, às costas aljava, arco e setas, e “todo o seu peito era uma

campina de pé rolas.” Marte, cujos arautos, vestidos à mourisca, tocavam pífanos e caixas de guerra, vinha com capacete e escudo de prata, e armadura em que várias jóias se engastavam; e os seus pagens, armados em guerra, carregavam escopetas ricas, de labores preciosos.

Mercúrio, com peruca branca, trajava um vestuário complicado, que só o próprio estilo de Simão pôde descrever.

E eis ali vinha, precedido das Estrelas da alva e da tarde, “figura entre todas mais bela na majestade de rei,” o Sol, “vestido de luz trêmula e cambiante em canotilhos,” com uma enorme cabeleira de fio de ouro, peito de tisso de fogo, empunhando uma harpa estrelada, e montado sobre um cavalo de cuja cabeça saía uma grande ponta de unicórnio. E vinham-lhe às estribeiras seis pagens, “mulatinhos de gentil disposição.”

Seguia-se Júpiter, com cetro e escudo sobre um carro triunfal, que duas águias coroadas puxavam, e sobre cujas rodas havia pintados os signos de *pisces* e de *sagittarius*.

Vênus, que “representava no rosto e realçava no ornato aquela formosura de que seu nome se encarece,” surgia de entre flores, num carro em feitio de concha, entre nuvens de Cupidos.

Saturno, precedido de soldados romanos e estrelas, “representava no rosto homem velho, de fúnebre aspecto.” À mão direita, trazia uma foice, e, à esquerda, “um escudo dourado com o caráter astronômico;” e os tentava aos ombros duas pavorosas carrancas de papelão pintado; o seu cavalo, ajaezado de prata e veludo, sacudia à cabeça um rico martinete de plumas azuis e brancas.

Neste ponto se suspendia o préstito mitológico. “Nele, diz Simão Machado, se adorava o fingimento da antiga idolatria, e era glorioso triunfo do Eucarístico Sacramento.”

Caminhava agora, soberana, a figura da Igreja Matriz, recoberta de galas, de cetins, de flores e estrelas de joalheria. Embraçava um escudo, onde, em campo de ouro, se via o desenho da igreja, com a letra — *Hoec est domus Domini firmiter edificato*. À sua mão direita, ondulava um largo estandarte branco, em que, sob a imagem da Senhora do Pilar se lia: *Ego dilecto meo*. E quatro pagens vertidos de branco lhe seguiam o passo. Um Castelhana tocava gaita; um “moleque” tocava tambor; quatro negros, em cavalos brancos ajaezados de berne, faziam estrugir formidáveis trombetas de que pendiam bandeiras.

E o guião da Irmandade do Santíssimo aparecia. Seguindo-o, atropelavam-se as Irmandades, em filas cerradas, com os respectivos padroeiros e padroeiras, em

andores: Pardos da Capela do Sr. S. Josef, Senhora do Rosário dos Pretos, Santo Antônio Catalagirona, S. Benedito, Santo Antônio de Lisboa. S. Vicente Ferreira, S. Gonçalo de Amarante, Almas e S. Miguel, Terço dos Brancos, Senhora da Conceição, Patriarca S. Pedro, e outras.

Vinha depois “um séquito de nobres moradores da vila,” cercando S. Sebastião.

Agora, um arco-íris vivo se desenrolava ofuscante e eram dalmáticas de seda, casulas, manípulos, estolas de damasco, alvas e capas de asperge; e todo o clero da vila passava, precedido de anjos “vestidos à trágica,” que espalhavam flores sobre o povo. Atrás do pálio de seda carmesim, vinha o Conde das Galvêas, Capitão-General das Minas, seguido de toda a “Nobreza literária.” E, fechando o préstito, a Companhia de Dragões de El-Rei dava descargas de mosquetaria.

Como dar na prosa pálida desta crônica uma impressão viva das riquezas que Simão Ferreira Machado descreve? Basta dizer que nas dezoito páginas do folheto, duzentas e tantas vezes se escreve a palavra— ouro...

Sermões, repiques de sinos, *Te-Deum*, cavalcadas, banquetes, touradas, comédias, danças, e folguedos vários se celebraram, por três dias consecutivos. Longamente descreve a crônica de Simão essas festas maravilhosas. Mas limitar-me-ei a transcrever a descrição do fogo de artifício com que se fechou o ciclo dos espetáculos comemorativos. Pasmem os artistas da pirotecnia moderna, diante desse assombroso fogo, que Simão exalça em vários períodos admiradíssimos. Foi um Diogo Soares da Companhia de Jesus quem o ideou e executou, no intervalo de duas predicas:

“Uma planta em quadro chamada Jardim, de oitenta e cinco palmos cada face; nos quatro cantos quatro castelos triangulares de ressaltos sacados para fora de quinze palmos cada face; que com oitenta e cinco de cada ângulo do quadro faziam cento e quinze cada face do Jardim; em cada Castelo por remate uma figura humana, guarnecida de fogo; dentro do primeiro quadro outro de sessenta palmos cada face; nos cantos quatro árvores de candeias: dentro deste se fez terceiro quadro de trinta palmos cada face; no meio uma fonte: as faces de todos os três quadros guarnecidas de rodinhas, candeias, morteiros e girândolas: todo o circuito desta fábrica guarnecido de linhagem pintada de pedra. Houve mais toda a noite copioso fogo de espadas de várias formas, montantes e diversidade de foguetes; o que fez grande abundância do liberal dispêndio.”

NOVELAS

AS NOITES DE JACQUES

NO TIETÊ - PÁGINA DO DIÁRIO ÍNTIMO DE JACQUES

Dela infiel, que voltas a tentar-me com o mesmo sorriso que engana tanto e com os mesmos olhos que já me perderam! a tua carta última, cheia dos mesmos juramentos que há oito anos me fazias, veio recordar-me uma página triste do nosso velho amor, tantas vezes acabado pela tua ingratidão, e tantas vezes recomeçado pela minha loucura...

Se queres, lembremo-nos juntos. A tua casa ficava dentro de uma teia cheirosa de jasmineiros em flor,— não tão longe da cidade que a tua beleza leviana ficasse privada de palco, nem tão perto dela que o barulho da multidão viesse brutalmente interromper a música dos nossos beijos. Do pequenino portão rústico, que desaparecia sob a névoa perfumada dos jasmins, um caminho estreito descia para o Tietê que corria perto, profundo e claro, espreguiçando-se sobre seixos esverdeados entre arcarias de vegetação,— bambuais chorando longamente ao vento da tarde, galhadas verdes pendendo pensativamente para o curso da água. Foi nessa casa que a tua primeira infidelidade me apunhalou: lembras-te? a tua boca ainda estava cheia de beijos meus, quando a entregaste a outros beijos...

E eu vi aquilo,— eu vi!—, como quem vê abrir-se a própria sepultura.

Pelo caminho estreito, que partia do pequenino portão coberto de jasmins, entre as árvores que tinham visto o desabrochar da minha fé, vim trazendo o meu desengano e o meu desespero, mordendo os punhos, sem uma lágrima, sem um pensamento, bestializado pela minha agonia, indo de tronco em tronco, aos encontrões, como um bêbedo. Três dias longos e três noites,— ah! as noites, principalmente, como foram longas, sem o calor da tua carne moça no meu leito. — vivi sofrendo e maldizendo-te...

Ao cabo desse tempo, uma paz suavíssima me encheu o coração.

Tive-o como a casa em que morreu uma pessoa amada, depois de saído o enterro: calara-se o último lamento dos que ficavam órfãos do carinho morto, e o que havia agora era um silêncio triste, primeiro sinal da resignação e do consolo.

Depois, cheguei a rir da minha dor: e ela desapareceu de todo, estrangulada pelo meu orgulho de homem. Quis então castigar-te com o espetáculo da minha indiferença, e fui fazer-te a minha última visita.

Mal entrei, fiquei preso nos teus braços. Não vi nada, não ouvi nada, não disse nada, porque uma chuva de beijos me cobriu, tapando-me a boca e os olhos, estonteando-me. Sem força, os meus braços pelejavam por afastar-te. Sem força, a minha boca procurava morder-te. E, ai! de mim! só podiam abraçar-te e beijar-te os meus braços e a minha boca!

Depois ficaste sorrindo, triunfalmente posta diante de mim, com uma irradiação de orgulho na face, com os seios duros furando a renda do corpete, uma desenvoltura, uma expressão de soberano desafio na figura. E disseste:

— Não viste nada. Amo-te!

— Vi tudo!— clamei eu, como um louco— vi-te nos braços de um homem, beijando-o na barba, como uma rameira!

— Amo-te! Não viste nada!

— Vi-te, com os seios nus, esmagados pela sua mão brutal! vi-te, torcida de volúpia, desmaiada de amor...

— Não viste nada! amo-te!

— Vi-te, com olhos mortos de gozo e a garganta cheia de gemidos!...

— Amo-te! não viste nada! não viste nada! amo-te! amo-te!

— Não vi nada! não vi nada! não vi nada! — e caí de joelhos, e arrastei-me no chão, e beijei a barra do teu vestido, e confundi a minha carne com a tua.

Anoitecia. O clarão da lua cheia entrava pela janela, espiando a nossa loucura. E o rumor dos nossos beijos transbordava para a noite serena.

Daí a pouco,— lembras-te?— saímos a passear ao luar a nossa reconciliação e a minha desonra feliz. E, enlaçados, eu apertava estreitamente o teu corpo, como se o quisesse meter dentro do meu, para guardá-lo por toda a vida.

Pelas ramagens do caminho escorria o luar. E a tua face pálida, à claridade viva, brilhava num sorriso de sarcasmo. Que impor tava? eu era como um convalescente, que renascia para a vida, depois de haver batido às portas da

morte: a delícia de viver afogava dentro de mim toda a recordação, toda a suspeita, todo o pensamento mau: eu me agarrava à tua mentira, desesperadamente, e mentia também a mim mesmo. Não tinha visto nada! não tinha visto nada!

Fomos até a beira do rio: quantas vezes já, por noites assim, fôramos ver a água correr, arrufada ao luar! Sentamo-nos juntos, na erva fresca, banhados pelo deslumbramento da noite. E a poesia dessa noite embriagadora entrou em nós, possuiu-nos, dominou-nos, venceu-te: porque até mesmo dentro da tua alma tão má ela sufocou a tua maldade. Não mentiam aquela hora os teus olhos, que um véu claro de lágrimas cobria; não mentiam aquela hora os teus lábios, trêmulos e doces, palpitando aos meus beijos! — e com que abundância de coração, com que sinceridade, com que certeza de que procedia bem te perdoei então! Minha alma saía de mim, cobria-te toda como um palio, e o meu perdão e a minha benção te santificavam...

De repente, uma queixa longínqua soou. Era uma toada triste que se aproximava: distinguia-se a voz de um violão, descendo o rio, chorando. Vimos o vulto de uma canoa, ao longe. Sempre abraçados, prestamos o ouvido à música magoada. Acompanhando o violão, uma voz preludiou, no silêncio da natureza, o quebro de uma cantiga popular.

A canoa descia lentamente, ao gosto da corrente. E a voz cantou:

“Perdi a credulidade
Que tão cativo me fez...”

Lembras-te de como os meus braços tremeram em torno à tua cintura?

A voz repetiu mais próxima:

“Perdi a credulidade
Que tão cativo me fez...”

E, já em frente de nós, da canoa que oscilava ao luar, a última nota da trova saiu, clara e alta, horivelmente clara para mim, acordando todo o meu ciúme:

“Para quem ama é bastante
Ser enganado uma vez!”

Recordo-me apenas de que me separei de ti com um empurrão brutal, e desatei a fugir, a correr, a voar, com o inferno no coração, outra vez desesperado, outra vez louco, outra vez meio morto de dor e de raiva.

Oh! carne miserável! para que fugiste, se tinhas de voltar no dia seguinte, já de novo perdoando, já de novo esquecendo, já de novo aceitando, feliz, a desonra de um amor que não era unicamente teu?...

Não! para quem ama não é bastante ser enganado nem uma, nem dez, nem mil vezes! E a prova disso, bela infiel que voltas a tentar-me com o mesmo sorriso que engana tanto, e com os mesmos olhos que já me per deram,— aprova disso é que, ainda hoje, a tua carta me enche os olhos de lágrimas e a carne de desejos, depois de oito anos de ausência, durante os quais o teu amor tem andado de amante em amante, como uma moeda vulgar, ao azar das transações, circulando de mão em mão!

NO HOSPITAL

A que propósito me vem agora esta recordação?— disse Jacques.

Estávamos sós, no gabinete de trabalho. Chovia lá fora. Chuva miúda e triste.

Ele, do fundo da sua poltrona, cofiava a barba, com a mão branca e fina, de tísico. Uma vaga melancolia pesava no gabinete, entre as estantes altas, de jacarandá, e os reposteiros de seda escura.

— É curioso! Começa a gente a pensar numa coisa, e daí a pouco é outra, inteiramente outra, a que se impõe à meditação...

E contou isto, com a sua doce e quebrada voz de doente:

“Foi, creio, em 1883. Estudava eu medicina, praticando, como interno supranumerário, nas enfermarias da Misericórdia. Faltou um dia ao serviço o interno efetivo de uma das enfermarias de cirurgia. Fui designado para substituí-lo. E, justamente, o professor quê dirigia a clinica nessa enfermaria teve de praticar em um enfermo uma operação de certa gravidade. Tratava-se, bem me recordo, da ablação de um largo trecho do maxilar inferior, roído pela carie. O doente era um caboclo reforçado, um belo exemplar de homem, face bronzeada, cabelos corridos e negros, olhos pequenos, cujo brilho singular e fixo perturbava. Tinha uma lesão cardíaca. Essa lesão, e, mais, o fato de carecer a operação de ser feita em uma posição incomoda, de vendo o sangue encher a boca do paciente, tapando-lhe a garganta— impediam que se procedesse à cloroformização prévia.

De modo que a horrível cousa, cujos pormenores e incidentes me estão ainda hoje dolorosamente gravados na memória, teve de ser suportada pelo desgraçado, em perfeita e consciente vigília, com todos os nervos em sensibilidade completa... Foi medonho! Durante hora e meia, assisti ao espetáculo da mais bela, da mais admirável, da mais incrível coragem que um homem pôde mostrar! Estendido a fio comprido sobre uma mesa, com as pernas e os braços contidos pelos ajudantes, o doente tinha apenas, por todo o corpo, um tremor continuo, ininterrompido, uma agitação de toda a pele. Os seus olhos, pequenos e faiscantes como dois carbúnculos, não se fecharam nunca: durante hora e meia, fixos, terrivelmente fixos, brilharam secos, sem uma lágrima...

Primeiro, foi o bisturi que rasgou a pele, os músculos, pondo a descoberto o osso que a cárie comia. Depois, as pinças hemostáticas que apertaram as extremidades toradas de artérias. Depois, o serrote que começou a ranger no

osso, com um barulho que nos dava a todos arrepios de terror. Depois, o curativo. E, do começo ao fim, os olhos do caboclo rutilavam, sinistramente abertos, e todo o seu corpo tremia de leve sob as nossas mãos, sacudido pela dor que aquela carne padecia e pelo esforço sobre-humano que continha aquele espírito...

Quando transportado para o leito, na enfermaria, fecharam-se-lhe os olhos. Adormeceu. Passava de meio-dia. Só tornei a vê-lo, à meia noite, quando, chegada a hora do meu quarto, me vieram acordar para que eu fosse substituir o primeiro interno.

Oh! a sinistra, a indescritível viagem, à meia noite, por vinte corredores sem fim, de chão lustroso e escorregadio, — só, estremunhado ainda de sono, passando por portas negras de enfermarias, frouxamente alumadas por lâmpadas oscilantes,— só, dentro daquela imensidade escura, como dentro de um túnel de sonho, povoado de gemidos, de soluços, de estertores de febre, de sons incoerentes e vagos, de barulhos de tosse, e cheio de um cheiro indefinível, misto, de ácido fênico, de podridão, de suor de agonia!...

Depois, a vigília. Na enfermaria quase sem luz, numa penumbra em que os vultos das camas regularmente alinhadas mal se distinguem, uma mesa pequena, posta junto da cama do operado. Sobre a mesa, fios, pinças, pulverizadores de Lister, frascos pequenos com ácido fênico e per-chlorureto de ferro. Uma vela, uma garrafa de vinho do Porto, botijas de remédios, poções calmantes; e, à mão, entre todos esses petrechos, o termômetro.

Aproximei-me da cama; inclinei-me para o doente.

Dormia. Uma respiração irregular, entrecortada, lhe levantava e abaixava intermitente-mente o peito. Ardia-lhe a pele, queimada de febre. Tomei-lhe a temperatura, registrei-a na papeleta, e acendendo a vela, sentei-me em frente à mesa, e tentei ler um livro que levara comigo.

Começou então a escoar-se o tempo mais longo por que tenho passado na minha vida. A chama da vela, agitando-se levemente, abria em torno da mesa um círculo de claridade: fora dele a escuridão da enfermaria aumentava pelo contraste. Naquela enorme sala, altíssima, comunicando, adiante e atrás de mim, com outras salas, o menor barulho tomava proporções estranhas, exagerando-se, alucinando-me. E os meus olhos, afundando-se na extensão das salas que se sucediam, avistavam um sem número de lâmpadas mortíferas, tremendo, tremendo numa longa fila, que a vista perdia por fim. Daí a pouco, aquele meio apavorante me havia dominado. Passavam pela escuridão relâmpagos vagos, como de sudários brancos voando. Os rumores confusos de

tosse, de gemidos, de respirações agonizadas, tomavam corpo, avultavam, entrava-me pelo ouvido, martelando-me o cérebro.

A morte estava ali perto de mim. E eu sentia o seu hálito gelado bafejar-me a nuca: e tinha a certeza absoluta, precisa, iniludível, de que me bastaria voltar a cabeça, para vê-la...

Nesse momento, senti que o operado se agitava no leito. Tive um suspiro de alívio, abençoando aquele movimento, que me arrancava das mãos do terror. Levantei-me e encostei-me à cama, com a vela acesa em punho. O desgraçado acordara. E a primeira coisa que vi foram os seus olhos, os seus mesmos olhos de durante a operação, abertos, horivelmente abertos, fixos em mim.

Só então, compreendi o que eles queriam dizer de manhã, quando os bisturis rangiam sobre a carne ensanguentada, e o que me estavam dizendo naquele instante.

Havia nesses olhos, cheios de um clarão sinistro, um tal desprezo pela dor, um tal nojo da vida, uma tão absoluta serenidade diante da morte, que admirei esse homem extraordinário,— como nunca mais hei de admirar ninguém...

Tomei-lhe a temperatura. A febre baixara. Mas a respiração era difícil. E alguma coisa, não sei o que, me incutiu no espírito a convicção de que ele ia morrer. E os seus olhos me fitavam sempre... Dei-lhe uma colher da poção, cheguei a minha face até perto da sua, falei-lhe carinhosamente, com a voz quase soluçando, como se falia a um irmão que vai morrer. Ele olhava-me sempre, como quem quer falhar e não pôde, como quem precisa dizer uma coisa que está enchendo a alma e não pôde passar da garganta. Ao cabo de algum tempo, cerrou as pálpebras... Adormeceu, ou pareceu adormecer de novo.

Voltei para a minha mesa.

Então, mais calmo, fortificado pelo nobre espetáculo daquela nobre coragem, começava eu a ler, quando um rumor, diferente dos outros que haviam até então povoado a enfermaria, me chamou a atenção. Era um como arrastar de sandálias, acompanhado de um cicio brando... E, olhando para a frente, vi que longe, muito longe, na escuridão da última sala, balançava-se uma luz, quase ao nível do chão. De quando em quando, sumia-se a luz e cessava o rumor. Depois, aparecia ela mais próxima, e ouvia-se mais distintamente o arrastar de sandálias e o cicio de prece. Era uma irmã de caridade que, com a sua lanterna, fazia a ronda noturna.

Quando entrou na minha enfermaria, parou junto de mim, informou-se do operado. Chegamo-nos a ele. Acordara outra vez. Agora a respiração era

angustiada, estertorosa. E os seus olhos abertos, terrivelmente abertos, iam da minha face à face da irmã...

Boa irmã! sem dizer uma palavra, tinha compreendido como eu. Olhou-me, sorriu tristemente, e, tirando do pescoço o seu pequeno crucifixo de ébano, meteu-o nas mãos do moribundo. Ele abriu ainda mais os olhos; teve um arranco supremo de todo o corpo na cama, e ficou imóvel.

Estava morto.

De joelhos, a irmã rezava. E, antes que, terminada a prece, ela se levantasse para lhe cerrar as pálpebras, eu encostei os meus olhos aos olhos do morto, para neles de perto ler a sublime e inolvidável lição que me davam, o segredo do ânimo inalterável, da coragem soberana e terrível, com que esse homem sereno,— durante a operação, sofrendo dores inconcebíveis, e durante a agonia, sentindo dentro de si o despedaçamento de toda a alma, — olhava impassivelmente para a morte, desprezando as misérias e as torturas da vida...”

A CANABINA

Como a conversação, depois de haver borboleteado de assunto em assunto, durante esse jantar de refinados, tivesse caído afinal em Baudelaire e nos seus *Paraísos artificiais*, — Jacques, que aos trinta anos de idade já tem experimentado todos os prazeres e provado todos os desgostos, disse, acendendo o segundo charuto e enchendo o segundo cálice de *chartreuse* verde:

— Pois afirmo-lhes eu, com conheci mento de causa, que a embriaguez do ópio não tem nenhum dos encantos que lhe atribui Baudelaire...

— Oh! desgraçado! pois até já tomaste *hatchisch*?— indagou um de nós, com alguma incredulidade.

— Propriamente *hatchisch* não tomei: tomei cousa melhor...

E relatou-nos isto:

“Foi há pouco tempo. Estava eu mor rendo de tédio, numa cidade do norte. Toda a solidão daquelas ruas muito direitas, muito largas e muito vazias me havia entrado na alma. Como eu me aborrecia, meus amigos! E imaginem que, por esse tempo, toda esta pobre máquina do meu corpo estava desarranjada e perra...

Pesava-me a vida como um fardo horrível. Nunca tão grave, nunca tão desesperadora, me atormentara a singular doença nervosa, de que sofreu há tanto tempo, e que me fazia ficar semanas inteiras sem dormir, com o corpo quebrado, todo o organismo vibrando dolorosamente ao menor choque, à menor contrariedade, à menor emoção.

Cheguei a ter ódio à minha casa, aquela casa imensa e deserta, entre cujas paredes se arrastavam longas, terrivelmente longas, as minhas noites de insônia.

Era um casarão sinistro. O meu quarto tinha janelas para o mar, um mar bravio sempre, estourando contra pedras brutas, com uma cantilena monótona. Quando se agravavam as minhas alucinações de ouvido, esse barulho de águas revoltas crescia, rodeava-me, sitiava-me. Parecia-me estar a bordo de um navio. O quarto girava. As paredes subiam e desciam.

E náuseas de enjôo me cresciam do estômago. Desesperado, preferi passar as noites a vagar de rua em rua, sem destino: e ainda hoje me lembro com pavor

desses passeios noturnos por uma cidade morta, ora à claridade do luar que escorria pelas casas como um banho de prata viva, ora ao clarão trêmulo dos candeeiros de azeite, pendurados de ganchos de ferro, rangendo lugubrememente ao mais fraco sopro de vento...

Um dia, um médico meu amigo aconselhou-me o uso do ópio.

Protestei que seria inútil: a morfina, o laudano, tinham sido impotentes, — deixavam-me o corpo despedaçado, a língua amargosa, a cabeça apuada de dores, e a alma acordada, no mesmo sofrimento e na mesma agonia. Ele, então, recitou-me um novo preparado...

Não o conhecem vocês, com certeza: é o tanato de canabina. A canabina é o alcalóide que se extrai do *hatchisch*, da *canabis indica*.

Recebi esperançado, das mãos do farmacêutico, a salvadora caixinha redonda, sentindo, com delícia, mexerem-se dentro dela, no pó avermelhado, as doze pílulas consoladoras, pequeninas, escuras, moles, de uma cor de bronze azinhavrado.

O farmacêutico, solícito, recomendou-me com ares misteriosos que não tomasse, em caso algum, mais de duas pílulas. Mas, já eu o não ouvia...

Esperei a noite com uma ansiedade grande. Às 10 horas tomei duas pílulas, deitei-me, e, abrindo um livro qualquer, chamei, o sono.

Não lhes posso dizer com certeza que livro era. Devia ser o *D. Quixote*. Sei apenas que a leitura me interessou, e que, embebido nela, me despreocupei de tudo.

Ao cabo de algum tempo, olhei para o relógio.

Correra uma hora. Nenhum efeito. O cérebro claro, fresco: nenhum desejo de sono.

Sorri, com desdém, do poder do narcótico, e engoli corajosamente mais três pílulas e daí a um quarto de hora uma outra.

Não posso dizer se ainda gozava do pleno uso da razão, quando tomei essa quarta pílula. Quero crer que não: não sei mesmo como consegui voltar à cama.

Doía-me a cabeça alucinadoramente. Estalava-me no ouvido o barulho do mar quebrando-se de encontro aos rochedos. E não sei se acharei palavras para lhes referir o que principiou então a passar-se em mim..."

Jacques esvaziou o seu cálice de *chartreuse*. Nós todos ouvíamos, calados e ansiosos. Ele, com a voz um pouco trêmula, continuou:

“Foi uma cousa horrível, sobre-humana, inenarrável, — prolongada por toda a noite. Eu não dormia, mas não estava acordado. Dentro do meu corpo havia uma alma que sentia, que pensava: mas, — como hei de eu explicar isto? — não era a minha verdadeira alma, porque essa eu a sentia fora de mim, divorciada do meu corpo, pairando sobre ele, nele querendo reentrar e não podendo! — Sabem vocês o que se passa, alguns momentos depois da morte, segundo os espíritas? Dizem os espíritas que a alma, abandonando o corpo, não se afasta dele, e, enquanto não se faz o enterro, fica errando em derredor do despojo carnal desprezado. Era talvez isso o que eu sentia... Mas, não! não era isso, porque, além da minh'alma que pairava fora, havia uma outra que permanecia no corpo, sofrendo e chorando...

Vejamos... Eu tinha consciência de que estava deitado, de costas sobre a cama: apalpava-me, sentia o calor da minha carne, a pulsação das minhas artérias, sabia que não estava sonhando... Doía-me a cabeça cada vez mais: era como se, estando ela apertada entre duas barras de aço, a fossem pouco a pouco esmigalhando, amassando, triturando. Eu sentia tudo isso: logo a minh'alma estava ali. Mas que outra alma era aquela, também minha, que estava fora da carne e dividida entre dous sentimentos opostos: a mágoa de não poder entrar no corpo que era seu, e a delícia de não poder estar sofrendo o que esse corpo sofria?...

Quanto tempo durou isso, não lhes posso dizer: deve ter durado séculos. Quantos? um, cem, mil, uma eternidade...

Depois, senti que acabara o desdobramento da minha personalidade. Estava outra vez com um só espírito. O corpo continuava a sofrer, a sofrer indizivelmente. E a alma, outra vez una, outra vez indivisível, adquiriu uma acuidade, uma perfeição, uma clareza de memória sobrenaturais. Recapitulei toda a minha vida, de dia em dia, de hora em hora. Lembrei-me até de quedas que dei, quando tinha um ano de idade. Assisti mesmo à cena do meu nascimento... E como me doía o remorso dos menores crimes cometidos, das mais insignificantes injustiças praticadas! — Tudo isso se passava em absoluto, em perfeito estado de vigília. Eu via arder, debaixo do globo azul, a chama da minha lâmpada de petróleo; via agitarem-se à janela as cortinas brancas; ouvia o tic-tac do relógio sobre a mesa... E vi o dia romperia fora, como uma meia luz tênue a princípio, depois como uma claridade violenta que me pôs no quarto, atravessada de parede a parede, uma larga faixa cor de ouro, em que dançavam

milhões de milhões de átomos de poeira afogueada... Foi então que dormi; sono bruto, sono de pedra, sono de morte, por dez horas a fio...

O mais curioso (concluiu Jacques, depois de uma pequena pausa) é que o abalo produzido por essa noite no meu organismo foi tão forte, tão brutal, que me restituiu a saúde: equilibrou-me os nervos e livrou-me da insônia. De modo que a canabina me curou, não pelo bem, mas pelo mal que me fez..."

Houve um momento de silêncio. Um de nós disse: — Mas isso nada prova... Você sofreu assim, porque o excitante encontrou mal preparado o terreno em que devia operar. Está hoje provado que o *hatchisch* nada mais faz do que exacerbar o estado normal do indivíduo: dá mais alegria a quem é naturalmente alegre, e mais tristeza a quem é naturalmente triste..."

— Pôde ser! retorquiu Jacques. Mas aconselho-lhes que não experimentem. Demais sabem quem tem razão? É Balzac, que, apesar de fazer parte de um *club* de bebedores de *hatchisch*, nunca bebeu a droga — porque (dizia ele) o homem que voluntariamente se despoja do mais belo atributo humano — a vontade, — deve ser, na escala animal, colocado abaixo do caramujo e da lesma... E vamos embora, que é meia-noite!

O SONHO

M de nós, disqueteando sobre este particular de sonhos e pesadelos, dissera:

— Mas, não há dúvida... Os sucessos do sonho prendem-se sempre a um sucesso da vida real. As células cerebrais guardam impressões adormecidas por tempo indefinido. A um momento dado, essas impressões despertam, revivem, quando o sono chega, e aí estão elas constituindo o sonho. Eu, por exemplo, sonhei um dia que era Cristo. Espantei-me, ao despertar... No entanto, nada mais natural. É que, pouco antes de dormir, estivera conversando com o Dr. Maximiano Marques de Carvalho, e (por mais absurdo que isto possa parecer a vocês) cheguei, refletindo sobre o meu sonho, a reconstruir a associação de idéias sobre cujas asas fui da ampla sobrecasaca desse médico é túnica inconsútil do Nazareno...

Ouvindo isto, Jacques encolheu os ombros. E disse-nos gravemente:

— Tolices... Sem querer imitar Hamlet, digo-lhes eu que na terra e no céu há cousas mais complicadas do que as que as que sonha a nossa vã fisiologia... Ora, digam-me com franqueza: supõem vocês que haja uma possível associação de idéias entre um leitão assado e este amigo que lhes está falando?... Não riam... Falo-lhes com toda a seriedade! Acham isso absurdo, não é assim? Pois bem: eu já uma noite sonhei que era leitão assado!

E como todos nós continuássemos a rir, Jacques sacudiu a cabeça:

— Vocês riem de tudo... Dou-lhes a minha palavra de honra: não gracejo. Vou contar-lhes o meu sonho...

E começou:

“Sonhei que era um leitão assado...

A princípio a minha impressão foi de espanto. Sentia-me estendido horizontalmente, sobre um prato. Sentia-me cheio de cousas que não eram os meus próprios órgãos.

E havia em mim um cheiro delicioso de carne gorda tostada...

Pouco a pouco fui compreendendo. O prato em que repousava, estava ao centro de uma grande mesa aparelhada para banquete. Via estender-se diante de mim a toalha adamascada, carregada de cristais e de pratarias. Grandes ramos de flores rubras e brancas viçavam em jarrões de porcelana. Em

compoteiras de cristal, simetricamente dispostas, havia doces vários: e eu distinguia o verme lho cru das goiabas em calda, o amarelo dourado dos damascos, o tom escuro das uvas e das ginjaas. Um castelo de fios de ovos, bem perto do meu nariz, subia rutilante, adornado de balas de estalo, para o teto do salão, até encontrar os pingentes do grande lustre triunfal em que ardiam constelações de velas. Ergui os olhos. E notei uma cousa que desde então me preocupou terrivelmente: no pináculo do monumento de fios de ovos havia dous bonecos de açúcar pintado, de mãos dadas, em grande gala,— um casal de noivos... Santo Deus! eu ia ser a peça de resistência de um banquete nupcial... Quem seria a noiva?

Uma revolta surda começou a tecer-me os miolos de porco assado... Como diabo estava eu ali transformado em leitão, com o ventre cheio de farofa e sarrabulho, e com as costas cheias de rodelaas de limão espetadaas em palitos? Comecei a ouvir uma música afastada. Compreendi que dançavam no salão de baile. Era uma valsa. E imaginei logo que a noiva, radiante sob a grinalda de flores de laranjeira, muito branca, toda branca, suspendendo a longa cauda do vestido de gorgorão nevado, estaria girando nos braços do noivo — ofegante e pálida, com uma curiosidade e um receio fuzilando nos olhos... havia de ser isso... Estavam valsando, com certeza... Os meus ouvidos de leitão percebiam mesmo o rumor dos pés arrastados no soalho, à cadência da valsa... E eu estava ali, sem falia, sem movimento, sem defesa possível, abandonado, misérrimo!

E daí a pouco o trinchante me despedaçaria a carne, e o meu abdômen se desmancharia numa chuva de azeitonas e de farofa, e dentes implacáveis, dentes vorazes, dentes cruéis me triturariam as fibras...

Não lhes posso dar uma idéia, por pálida que seja, do sofrimento que me alanceava... Mas, imaginem vocês: eu, porco! eu, assado! eu, comido! e pensando! e vendo! e ouvindo! e tendo a consciência do meu estado e a certeza da sorte que me esperava!...

A música parou. Acabara a valsa. Aproximavam-se passos pelo corredor.

Alguns convidados entraram. Chegaram-se ao bufei, refrescaram-se. Conheci alguns.

Lá estava o Mendes Neto, de olhos felinos e boca sensual chuchurreando um *cognac*. Lá estava o Artur de Azeredo, mastigando voluptuosamente um *croquette*. Mais longe, o Souza Ramos, saboreando um sorvete conversava com o João Pinheiro. E não me podiam ver! e não sabiam, aqueles antropófagos, que daí a pouco comeriam o seu amigo, sob a forma de leitão assado!... Mas o que mais me indignou foi ver o Simeão — (lembraam-se vocês do Simeão, aquele gordo, louro, imbecil?) — foi ver o Simão, num grupo de senhoras, fazendo-se

amável... E as senhoras riam. E eu pensava: — Que dispa rates estará dizendo aquele idiota!...

Houve na sala um movimento. Afastaram-se os grupos para dar passagem a alguém. Era a noiva que entrava. Olhei e... quase dei um grito de horror e de espanto. Só não gritei, porque leitão assado não grita... Como lhes hei de contar isto?— A noiva era a Alice! Conhecem vocês, a Alice? A minha Alice, que eu naquele tempo amava apaixonada mente, loucamente! Era a minha Alice com aqueles mesmos olhos imensos e negros, com aqueles mesmos lábios vermelhos, úmidos, gulosos de beijos...

Que horror!

Vinha pelo braço do noivo. Não conhecesse animal. Era um sujeito pançudo, lorpa, com umas enormes orelhas despegadas da cabeça chata, hediondamente calva. Os dous, muito unidos, fizeram a volta da mesa.

E pararam junto de mim... Ele, inclinando-se muito para ela, disse-lhe ao ouvido qualquer cousa. Ela corou e olhou-o muito, longamente, com amor, com gratidão. E eu imóvel, paralisado sobre o prato... Ah! se eu pudesse mover-me, atirar-me sobre eles, e vingar-me, emporcalhando o vestido dela com a gordura da minha pele tostada!

Mas não estava ainda esgotada a minha taça de amarguras. Pior foi a minha tortura, quando ela, a minha Alice, inclinando-se sobre a mesa,— com a sua mão pequenina! com a sua mão perfumada! com a sua mão que eu tantas vezes beijai a delirando! com a sua mãozinha enluvada de branco — tirou do meu corpo uma das rodela de limão que me enfeitavam, e começou a chupá-la devagarinho, com os seus divinos lábios vermelhos, úmidos, gulosos de beijos!...

Oh! era o meu sangue! era a minha alma! era a minha vida que ela chupava!

Mas, nesse momento, sentaram se todos à mesa. Um criado, de casaca e gravata branca, tirou o prato em que eu estava e levou-o para um aparador.

Chegara o momento fatal. Iam trinchar-me! Lembro-me bem de que, em caminho, o Artur de Azeredo, que tomava lugar entre dois convivas, olhou-me com ternura, e disse, passando a língua pelos beijos: — Que belo porco, hein?...

Não vi mais nada, não ouvi mais nada... Ouvi um tinido de metais, vi uma lâmina fulgurar, senti uma punhalada assassina, e, quando ia desmanchar-me em azeitonas e farofa, acordei..."

O CRIME - CARTA DE JACQUES, ACHADA ENTRE PAPÉIS VELHOS

Saberás tudo, já que tudo queres saber. Três anos passaram sobre essa negra tragédia. E ainda hoje tenho tudo presente à memória, e ainda hoje te faço esta pergunta, que há três anos dirijo a mim mesmo, todos os dias, sem lhe achar resposta:— Foi um crime o que eu fiz?

Quando Otávio me bateu à porta, às dez horas da noite, eu tinha um livro aberto diante de mim. Não lia. À cólera, que me agitara durante toda a tarde, sucedera uma grande prostração. Parecia-me sem remédio a minha desgraça, depois daquela certeza, daquela terrível certeza...

Amá-la como eu a amava, com o desejo nunca saciado de a possuir, afrontar tudo, cometer o crime de lhe dar cerco durante dous longos anos, persegui-la por toda a parte, ter de viver numa constante dissimulação com o marido, ouvir-me a toda hora elogiado por ele, comer-lhe os jantares todos os dias, só para estar junto dela,— desanimar afinal, considerai-a honesta, reputá-la o modelo das esposas, passar do amor à veneração, consolar-me com a minha derrota,— e, de repente, aquela certeza, aquela terrível certeza de que a minha santa só para mim era santa, e humanizava-se com o *outro*, na suprema delícia que eu tanto ambicionara!

Eu e Otávio éramos dous inseparáveis. Ligados por um parentesco longínquo, quase com a mesma idade, separamo-nos quando tive de ir ao norte buscar a minha carta de doutor, deixando-o a estudar o seu terceiro ano de medicina.

Nos cinco anos que durou o nosso apartamento, correspondemo-nos sempre, — carta? de amigos cheias de confidências e de saudades. Uma dessas cartas trouxe-me, poucos meses antes da minha formatura, a notícia do seu casamento. Casamento pobre: uma me nina órfã, que ele encontrara em casa de uma tia, no Engenho Velho.

A carta, longa e apaixonada, fechava com este trecho: “Ema, que está ao meu lado, vendo-me escrever, manda-te um grande abraço. Já te estima extraordinariamente, mesmo sem conhecer.”

E meses depois, numa radiante manhã de domingo, vendo aproximarem-se do navio, que me trouxera, escaleres e lanchas cortando a água verde, batida pelo sol,— a primeira fisionomia conhecida que lobriguei foi a de Otávio. Dizia-me adeus, muito alegre, mais gordo, num fato de casimira clara. Ao seu lado, toda de branco, acenava-me com o lenço a mulher. Alta, esbelta, de um moreno doura do, grandes olhos profundos, boca pequena e vermelha; sob o chapéu de

palha desabado viam-se-lhe os cabelos, fartos e negros. Foi ela quem subiu primeiro a escada. Veio a mim, naturalmente, sem embaraço, sem me chamar— doutor,— com uma confiança que me cativou desde logo:

— Bom dia, Jacques!

— Minha senhora...

E caí nos braços de Otávio. Ao almoço, em casa deles, ficamos mais de quatro horas à mesa, matando saudades. Ela tomou parte na conversa, com uma adorável tagarelice de dezoito anos. Examinei-a. Deliciosa de graça e de beleza. Tinha a pele finíssima, a orelha pequenina e delicada, como uma concha preciosa.

Quando olhava para o marido, velavam-se-lhe os olhos de carinho, meigos, deliciando-se na contemplação dele.

Desse dia,— foi talvez o dia mais feliz da minha vida! — nasceu esta irremediável desfaça. Não fosse ele, e eu não teria cometido aquilo que ainda agora mesmo te pergunto se foi um crime...

Amei-a pelo hábito de vê-la todos os dias, de sentar-me todos os dias ao seu lado, de ouvi-la, embriagado pelo seu aroma, deliciosa mente abrasado pelos seus grandes olhos profundos. Tratava-me sem cerimônia, como a um irmão. Contava-me, confiadamente, com os olhos muito perto dos meus,— quando Otávio saía a ver algum doente e ficávamos sós,— a sua vida antiga de menina pobre, sem distrações, junto de uma tia rabugenta, na enorme casa triste do Engenho Velho; o seu namoro com Otávio, as dificuldades que apareceram para o casamento, — ela, órfã e pobre, ele, médico novo e sem clínica; e ia por diante, falando muito do marido, elogiando-lhe o talento e a bondade,— torturando-me.

Com o *outro*, era muito mais fria do que comigo.

Chamava-se Barbosa. Ia lá às vezes jantar, mas comumente só aparecia à noite. Era um moço rico, baixinho, janota, olhos piscos por traz dos vidros grossos de um pince-nez de ouro, roupas espalhafatosas, muito conversador. Quando fomos apresentados,— ainda crês em pressentimentos? — não antipatizei com ele. Achei-o vulgar, nem bonito nem feio, nem tolo nem inteligente,— suportável. E nunca me passou pela idéia que amasse Ema: tratava-a com respeito e era tratado com frieza.

Continuei a amá-la. Depois da época do amor contemplativo, veio a outra, a da febre. Achei-me idiota — amando uma mulher, sem lho dizer. Possui-me da

ambição insaciável de gozá-la. Fui perseguido pela sua lembrança, pelo seu olhar, pelo seu cheiro, sem tréguas, de dia e de noite. Quis deixar de vê-la. Jacques arrastava-me para lá, chamando-me ingrato.

Uma noite conversávamos os três.

O *outro* não viera. A campainha retiniu: era um chamado - vinham pedir a Otávio que fosse imediatamente socorrer um doente. Ficamos sós. Ema principiou a folhear uma revista ilustrada.

Na sala de jantar, silenciosa, ouvia-se apenas o tic-tac do relógio. Não sei o que me deu coragem. Tomei-lhe a mão, beijei-a, ajoelhei-me, disse-lhe tudo, que a amava, que não podia mais com aquela tortura. Ema, pálida de surpresa, levantou-se. — Oh! mas enlouqueceu, Jacques? levante-se!

— Ema!

— Basta! não me insulte.

E repeliu-me com violência. Saí, corrido de vergonha. Deixei de lá ir oito dias. Quando Otávio me procurava em casa, o criado tinha ordem expressa de lhe dizer que eu saíra. Mas encontrou-me na rua. Que me havia ele feito? que queria dizer aquilo? nada! havia de ir jantar com ele, iria, ainda que à força! Fui. Ela recebeu-me com mais carinho do que nunca. Na meiguice com que me tratou, pareceu-me ver uma certa piedade comovida, pela minha paixão impossível. Não se referiu à cena que eu fizera. E senti desde então o meu amor transformar-se em veneração: desanimei.

Mas, naquela tarde...

Descia a rua do Ouvidor, quando me senti agarrado pelo braço. Era o Barbosa, o *outro*.

Tremia, muito pálido.

— Venha cá.

Levou-me para o fundo de uma confeitaria. Deixou-se cair na cadeira, extenuado:

— Que desgraça, doutor! que desgraça!

Eu olhava-o, espantado. Mas o caixeiro aproximava-se. Barbosa pediu *cognac*, bebeu três cálices, de pancada, e com a cabeça entre as mãos, começou a falar

rapidamente, confundindo palavras, precipitando frases, de um jato. Fiquei sem movimento e sem voz, fulminado. Ele falava, contava tudo. Havia ano e meio que era amante de Ema. Eu com certeza nada tinha suspeitado! Pudera! tomavam tantas precauções... Nunca se encontravam em casa do marido. Davam-se entre vistas durante o dia, duas vezes por semanas, em casa de uma tia dela, no Cosme Velho. Ano e meio... De repente, que desgraça! que desgraça!... Fora Ema quem lho mandara dizer, em uma carta.

— Veja.

Estendia-me um bilhete amarrotado. "Era uma letra miúda, trêmula, lançada à pressa no papel: "Estamos perdidos. Ele sabe tudo. Mandaram-lhe uma carta anônima. Mata-me, com certeza..."

Não sei como não estrangulei aquele miserável! Continuava a falar, perguntava-me o que devia fazer. Mas não o ouvi. Saí, cambaleando, com urna nuvem de sangue diante dos olhos, andei ruas e ruas, cerrando o punho, cravando as unhas na carne, cego. Vaguei toda a tarde, sem destino. Que torpeza! com aquele insignificante, com aquele idiota!

Quando entrei em casa, já mate, anda vá-me a cabeça à roda. Mas seria possível? Como não tinha eu surpreendido nunca um sinal entre os dois, um olhar, um tremor de voz? Como não tinha eu visto nada, absolutamente nada?

Não pensei em Otávio.

Naquela grande desgraça, não me lembrei dele, tão meu amigo, tão nobre rapaz, tão digno, traído daquele modo, fulminado por aquela vergonha. Quis ainda esquecer-me de mim, procurá-lo, lastimá-lo, consolá-lo. Mas, a meu pesar, lembrava-me apenas de mim, que durante dois anos seguidos a tinha amado em silêncio, respeitando-a.

Que papel, que papel tinha eu representado! Fingido tudo aquilo, fingido o seu modo recatado de esposa digna, fingido o seu carinho pelo marido, fingida a indignação daquela noite, na sala de jantar... Porque não a agarrei violentamente, porque não a amei ali mesmo, quando ela por certo não esperava senão pela primeira violência para ceder, como uma adúltera que era? Como pude ser tão inepto, que tomara por surpresa de honestidade o que era apenas requinte de faceirice? E compreendi até que ponto a minha amizade fora sufocada pelo meu amor: o que eu sentia agora por Otávio não era já comiseração — era desprezo.

O traído era eu, era eu, que a amava: e parecia-me que ele era o único responsável por aquilo, como se tivesse o dever de vigiar a mulher, só para que eu não fosse traído.

Enfim, estava feito. Ele que se arranjasse... Eu que podia fazer?

E, num grande desconsolo, alquebrado pela cólera que me sacudira todo, olhava, às dez da noite, para um livro que não lia, tristemente. Foi quando ouvi bater à porta. Quem poderia ser? Barbosa, talvez... Era melhor não abrir. Mas, reconheci a voz de Otávio.

— Abre, Jacques!

Apressei-me. Entrou, muito calmo, apertou-me a mão, estirou-se na cadeira de balanço, dizendo-se cansado. Fiquei sem saber o que havia de lhe dizer. Espantava-me aquela tranquilidade: estaria o Barbosa louco? seria tudo aquilo uma invenção?

Otávio pegou no livro:

— Que estavas lendo?

E, sem esperar resposta e sem olhar para mim:

— Por que não apareceste ontem e hoje?

— Muito trabalho...

Ele levantou-se de um salto, atirou o livro ao chão, e, segurando-me pelos ombros, com os seus olhos nos meus, disse, entre dentes, num tom surdo:

— Minha mulher engana-me. Tu sabes disso...

Tive o poder de dissimular.

— Como? estás doudo, Otávio?

— Sabes!

— Não sei nada, filho. E impossível!

Quem te meteu isso na cabeça?

Ele sentou-se, calmo outra vez.

— Ouve. Não estou doudo. Preveniu-me uma carta, com a indicação do lugar, da hora, todos os detalhes. Fui, e vi-a entrar. Engana-me. Engana-me com o Barbosa, com aquele miserável. Tu sabias?

— Não sabia, acredita!

— Que infâmia!

Deu alguns passos pelo quarto, agitado, tomou o chapéu.

— Vem daí. Vamos andar. Isto aqui sufoca.

Sáímos. Àquela hora, quase deserta a praia de Botafogo. Fomos seguindo calados o paredão do cães, pela noite serena, cheia das vozes do mar, cheia da palpitação das estrelas. A praia estendia-se, recurvando a lonha reticência luminosa dos lampiões. De quando em quando, um carro passava, descoberto, a toda disparada, transbordante de risadas e de cantigas. Otávio, de cabeça baixa, vergastava o ar com a bengala.

Então, tive uma idéia covarde. Porque não aproveitar aquele ensejo de vingança? porque negar que sabia? porque não aproveitar o marido ciumento contra o rival odiado?

Ele parou:

— Tu sabias, Jacques...

Reagi contra a tentação.

— Não sabia. E mesmo não creio. Que provas há?

— Digo-te que a vi entrar.

— Mas, sabes lá se é a casa de alguma amiga?

— Jacques, falia com franqueza! estás mentindo. Sabias.

Não! eu não podia cometer aquele crime, seria uma abjeção... Mas, ele insistia:

— Sabias, Jacques?

Não pude mais resistir:

— Pois bem! sabia.

E disse o que sabia e o que não sabia, inventei episódios, criei minúcias, reduzi Ema às proporções de uma *coquette* vulgar, pu-la nua, mostrei-a entregando-se ao amante, numa casa alugada, alarguei cruelmente a ferida que o desgraçado tinha no coração, envenenei-a, açulei todo o seu ódio de marido enganado contra o Barbosa, aumentando-lhe e agravando-lhe a culpa, com uma perversidade sem nome.

— Que infâmia! que infâmia!

Esteve um momento calado, olhando o mar que estourava contra as pedras, espumante. E, de repente:

— Basta! não falemos mais nisto. Vamos para casa. Moras perto de mim, deixar-me-ás à porta. Falemos de outra cousa.

Mas, não falámos de cousa nenhuma. Fomos andando em silêncio, de braço dado, até que, à porta da casa dele, voltei ao assunto, já arrependido do que fizera.

— E, agora, que tencionas fazer?

— A ele? Nada. Ela ofereceu-se-lhe, ele aceitou-a. Demais, não era meu amigo. Sim! eu nunca o chamei amigo...

— E a ela?

— Nada também. Corro-a de casa, a pontapés, como uma ladra. Olha! Vou ver se durmo, tenho a cabeça a arder. Vem cá, de manhã. Levá-la-ás para a casa da tia. Livro-me dela, vendo tudo, vou para longe daqui, para onde ninguém saiba desta vergonha. Boa noite...

E abriu a porta, Quis ainda detê-lo. Ele impacientou-se:

— É isto, filho! Vem amanhã, cedo. Não posso mais falar nesta imundície. Boa noite.

Entrou. Ouvi o rumor da chave, fechando a porta, ouvi passos pela escada acima.

E a casa, na rua deserta, ficou silenciosa, escura, indiferente, como nas outras noites, quando eu saía dali, tarde, despedindo-me no topo da escada de Ema e Otávio, muito chegados um ao outro, muito felizes.

Tive remorsos. Que iria ele fazer? Se matasse o Barbosa, não seria eu o verdadeiro autor desse crime?

Mas aquele dia de comoções violentas acabara por aniquilar-me. O que eu agora queria era esquecer-me de tudo, fugir de tudo, dormir ou morrer, contanto que não pensasse mais naquilo.

Atirei-me à cama, sem consciência.

Dia alto, acordei, sobressaltado. Alguém me abalava a porta, violentamente, gritando.

Fui abrir. E Barbosa precipitou-se no quarto com a fisionomia torcida de terror, alucinado. Abraçou-se a mim, chorando. Tonto ainda de sono, fiquei sem compreender coisa alguma. Ele chorava, sem poder falar, sufocado pelo choro. Afinal, sempre pude entender: Otávio assassinara a mulher.

Contou-me os pormenores. De manhã, não se podendo conter, fora rondar-lhe a casa. Havia muita gente à porta. Disseram-lhe que o Dr. Otávio matara a mulher a tiros de revólver; que já fora preso; que a polícia tomara conta da casa.

Vesti-me não sei como, corri para lá. Dois soldados à porta não me queriam deixar entrar: empurrei-os, subi a escada a quatro e quatro.

Na sala, guardado pela polícia, o corpo estava no chão, estendido sobre o tapete. Nenhuma pessoa da família: Otávio preso, e a tia, naturalmente, ainda ignorando tudo.

Ema estava vestida de branco, como naquela radiante manhã de domingo, quando a vi pela primeira vez, a bordo. Colavam-se-lhe à testa os cabelos, empastados. Aberto no peito, o vestido deixava sair um seio moreno, rijo e curvo como um bloco de ouro, todo listrado de sangue.

Sob as pálpebras arregaçadas, os seus olhos negros, os seus grandes olhos profundos fixavam-me em mim.

O *outro* vivia. Ela estava morta. Fora eu quem a matara?

Que importava?... ninguém mais beijaria aquele seio, beijado por dous homens, nunca beijado por mim...

Foi um crime— o que eu fiz?"

BIOGRAFIA

Olavo Bilac (O. Braz Martins dos Guimarães B.), jornalista, poeta, inspetor de ensino, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de dezembro de 1865, e faleceu, na mesma cidade, em 28 de dezembro de 1918. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, criou a Cadeira nº. 15, que tem como patrono Gonçalves Dias.

Eram seus pais o Dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac e D. Delfina Belmira dos Guimarães Bilac. Após os estudos primários e secundários, matriculou-se na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, mas desistiu no 4º ano. Tentou, a seguir, o curso de Direito em São Paulo, mas não passou do primeiro ano. Dedicou-se desde cedo ao jornalismo e à literatura. Teve intensa participação na política e em campanhas cívicas, das quais a mais famosa foi em favor do serviço militar obrigatório. Fundou vários jornais, de vida mais ou menos efêmera, como A Cigarra, O Meio, A Rua. Na seção “Semana” da Gazeta de Notícias, substituiu Machado de Assis, trabalhando ali durante anos. É o autor da letra do Hino à Bandeira.

Fazendo jornalismo político nos começos da República, foi um dos perseguidos por Floriano Peixoto. Teve que se esconder em Minas Gerais, quando freqüentou a casa de Afonso Arinos em Ouro Preto. No regresso ao Rio, foi preso. Em 1891, foi nomeado oficial da Secretaria do Interior do Estado do Rio. Em 1898, inspetor escolar do Distrito Federal, cargo em que se aposentou, pouco antes de falecer. Foi também delegado em conferências diplomáticas e, em 1907, secretário do prefeito do Distrito Federal. Em 1916, fundou a Liga de Defesa Nacional.

Sua obra poética enquadra-se no Parnasianismo, que teve na década de 1880 a fase mais fecunda. Embora não tenha sido o primeiro a caracterizar o movimento parnasiano, pois só em 1888 publicou Poesias, Olavo Bilac tornou-se o mais típico dos parnasianos brasileiros, ao lado de Alberto de Oliveira e Raimundo Correia.

Fundindo o Parnasianismo francês e a tradição lusitana, Olavo Bilac deu preferência às formas fixas do lirismo, especialmente ao soneto. Nas duas primeiras décadas do século XX, seus sonetos de chave de ouro eram decorados e declamados em toda parte, nos saraus e salões literários comuns na época. Nas Poesias encontram-se os famosos sonetos de “Via-Láctea” e a “Profissão de Fé”, na qual codificou o seu credo estético, que se distingue pelo culto do estilo, pela pureza da forma e da linguagem e pela simplicidade como resultado do labor.

Ao lado do poeta lírico, há nele um poeta de tonalidade épica, de que é expressão o poema “O caçador de esmeraldas”, celebrando os feitos, a desilusão e morte do bandeirante Fernão Dias Pais. Bilac foi, no seu tempo, um dos poetas brasileiros mais populares e mais lidos do país, tendo sido eleito o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, no concurso que a revista Fon-fon lançou em 1º de março de 1913. Alguns anos mais tarde, os poetas parnasianos seriam o principal alvo do Modernismo. Apesar da reação modernista contra a sua poesia, Olavo Bilac tem lugar de destaque na literatura brasileira, como dos mais típicos e perfeitos dentro do Parnasianismo brasileiro. Foi notável conferencista, numa época de moda das conferências no Rio de Janeiro, e produziu também contos e crônicas.

Fonte:

Academia Brasileira de Letras